# JUIZOS EPHEMEROS

## Obras de Hermes Fontes

*Publicadas:*

APOTHEOSES, (1908. 2ª edição, 1915).
GENESE, (1913).
CYCLO DA PERFEIÇÃO, (1914).
MUNDO EM CHAMMAS ! (1914).

*Preparadas:*

HUMILDADE, (cartilha dos Insectos e das Flores)—1914.
CORÔA DE ESPINHOS, (1913-1914).
MIRAGEM DO DESERTO, (1913-1916).

HERMES-FONTES

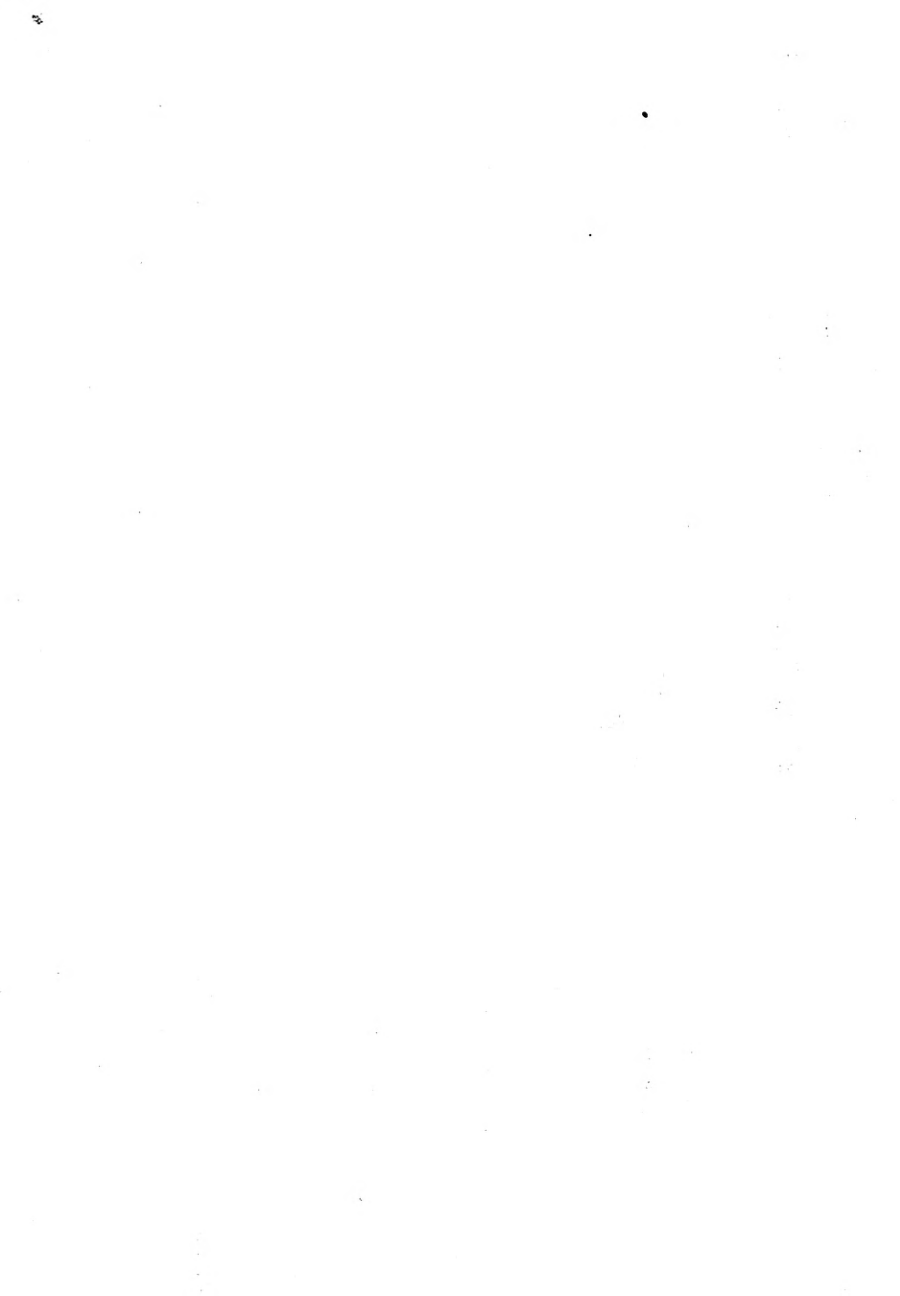
# JUIZOS EPHEMEROS

1º MILHEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro

S. PAULO
129, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1055

1916

*DOU a este volume o nome que parece caber-lhe — JUIZÓS EPHÊMEROS : prosa ligeira e gárrula, jornadeando ao acaso, conceitos em transito, idéas de livre curso, vozes que se perdem, cantando, no diapasão do vozeio geral.*

*São paginas, menos escriptas do que salpicadas, em borrifo, a cada motivo da vida, a cada impressão do mundo, na órbita dos meus sentidos e na ordem das minhas cogitações.*

*Quando, bem ou mal, se adquire fama de poeta (porque a evidencia literaria, ou politica, veste de rubro as criaturas mais incolores), escusado esforço é todo surto para outros horizontes.*

*Bem assim que o azeite sobrenada á agua, o titulo de poeta, o sello do parnaso, fica boiando á tona, em todos os mergulhos a que se aventure o escriptor — na industria, na sciencia, nas Letras prosaicas.*

*Póde elle afundar, benedictinamente, nos claustros e nas bibliothecas, nos laboratorios, nas retortas: nunca será, no consenso, um chimico, um historiador, um sabio. Prosas que escreva, lastreadas, porventura, de algarismos pesados, principios graves, indagações profundas — são, irremissivelmente, prosas de poeta...*

*E não se quer ver que o poeta é, como nós todos, o homem de seu tempo, vivendo em sociedade, partícipe da angustia geral, commungante na alegria e na duvida apprehensiva dos seus coetaneos.*

*Ainda mesmo nos raros lazeres que lhe concede a actividade social, para escalar o Monte-Sagrado, elle sóbe lentamente, ruminando as philosophias do momento, olhando para os aspectos da encosta, as maravilhas da paizagem e do firmamento em torno, parando á indecisão de cada encruzilhada, informando-se com os viandantes, sorrindo da ingenuidade dos homens, lastimando a incuria das autoridades, formando os seus juizos de cada coisa, juizos instaveis, como todos os juizes humanos — juizos ephémeros...*

*A confusão contemporanea é, sem duvida, impropicia aos grandes philosophos. Por isso mesmo, á ausencia desses divinos monopolizadores do Conhecimento, cada um de nós tem a sua migazinha de philosophia e cultiva as «suas idéas», que são, muitas vezes, as idéas de todos.*

*E os poetas, grandes e pequenos, forçosamente participam desse universalissimo direito — a menos que a indisciplina moral e os desvios de tara lhes prolonguem o sonho de arte, que é uma rara funcção subjectiva — funcção de eleição, portanto — em sonho objectivo de alcoolista ou morphinómano.*

*As paginas que se vão folhear, dizem — sem eloquencia, é claro — de um espirito curioso e simples, que, em prosa ou em verso, não se desinteressa da vida, em nenhuma das modalidades ao alcance da sua percepção, e vae vivendo, o mais que póde, em sua época e em seu scenario, o tempo e o espaço que o destino lhe destinou.*

*E a propria experiencia nos assegura que ainda é possivel pensar, seriamente, dos outros e de nós mesmos, sem o uso forçado de óculos caturristas. e amar espiritualmente a vida, idealizal-a em belleza e emoção, mesmo que se não use a cabelleira antiga dos poetas desaccordados e vadios...*

# OS NOVOS RYTHMOS
# DA VIDA

A SUCCESSÃO dos factos e a evolução dos usos tendem a accelerar, dia a dia, o rythmo da vida contemporanea, propulsionando-a em movimentos que levam á vertigem e em pulsações cuja intensidade vibratoria vae mantendo-a em estado normal de febre.

Reina em todos os desejos e em todos os negocios a preoccupação geral da synthese, de sorte que em todos os ramos da intelligencia e da actividade a fórmula victoriosa é a do *Maximo no Minimo*, isto é, a possibilidade de essencializar no minuto que passa, todas as sensações da hora que vem.

Nessa lucta constante de motores e dynamos, forças cégas que o homem põe a febricitar na ancia de resumir, em seu proveito, o tempo e o espaço, e em que a locomotiva cede á aeronave, o theatro ao cinema, o livro ao *magazine*, o desenho á vinheta, a paixão ao capricho, o amor ao *béguin*; nessa effer-

vescencia rotativa, turbilhonante, que é, em nossos dias, a civilização — a noção de julgar, de bem apreciar os valores humanos, cada vez mais se burla, se difficulta, e, de restricção em restricção, resultará em impossibilidade absoluta.

Já se disse uma vez que a idéa de Justiça consubstanciada no facto de arvorar-se um homem em juiz de outro é, por si mesma, uma injustiça.

Essa injustiça, si assim devemos consideral-a, ha de accentuar-se cada vez mais.

Porque em outros tempos havia o exercicio da Justiça. Não me refiro á «justiça judiciaria» de encarcerar ou eliminar homens, para prover á tranquillidade das maiorias humanas. Refiro-me á grande Justiça, no valor universal da expressão, fadada a estabelecer medidas e aferir expressões de força, sob as normas da razão e da verdade.

Essa capacidade de julgar, outróra em marcha ascendente e a cujo estadio final de aperfeiçoamento chamavamos Posteridade, começa a diminuir e descer... por excesso de velocidade.

O conceito da Posteridade consistia em julgar subjectivamente, num tribunal de serenidade e insuspeição, o que a contingencia humana teria, em juizo coevo, exaggerado ou reduzido, ao sabor das paixões e dos sentimentos ephemeros e dubios.

Esse conceito era acceitavel em outros tempos. O rythmo da vida era outro — uma repousada ca-

dencia de pendulo, obrigada a horario prestabelecido. Havia tempo a cada um, para viver a sua vida, e para reviver, em reflexão e estudo, a vida dos heróes da Especie, justiçando-os, de conformidade com a tradição e os residuos moraes de cada personalidade, ou reformando o julgamento, para melhor ou peor, no plenario da justiça definitiva.

Era o tempo dos archeologos, dos bibliophilos, dos mineradores da Belleza morta e da Verdade esquecida. Os sentidos do homem, não viciados ainda pela perfeição artificial que lhes esgota a faculdade de percepção logo aos primeiros annos da adolescencia, tinham uma capacidade mais viva de surprehender e assimilar. E podia-se asseverar que a tendencia geral da Cultura era a de estender-se e intensificar-se.

A tendencia moderna é inteiramente outra, porque outro é o rythmo da vida.

Desappareceram, por assim dizer, os «sabios». Vieram os *especialistas*, o que não é a mesma coisa.

Foram-se os grandes benedictinos das idéas e dos sentimentos, os philosophos e os moralistas, capazes de se agoniar, a existencia inteira, na pesquiza de uma verdade, na rehabilitação de um nome, na demonstração de um principio.

Eram elles que preparavam o *processo* da justiça humana para a glorificação porvindoura. Eram, dess'arte, os «juizes preparadores» da sentença da

Posteridade. Viviam, abnegadamente, menos o dia do que a véspera, na preoccupação nobilitante de esclarecer o amanhan.

Nos dias vigentes, esses apostolos irrhetoricos, esses cuja raça visivelmente definhante, quasi extincta, se insúla em suas thebaidas como gente vencida ou inadaptada, seriam absolutamente ridiculos.

O seculo é de negocistas, não de idealistas: viver para o lucro, como os agiotas. Os que divergem disso e ainda vivem pelas idéas, são *ideotas*, com *e* ou com *i*...

Que ha de ser, pois, da nossa Posteridade, de que ainda falamos religiosamente, como da dos nossos antepassados, si os nossos juizes preparadores, os homens coetanos, não se occupam sinão do *momento presente*, do *negocio presente*, do *desejo presente*, e ainda mesmo os que fingem cogitar do passado e do futuro, só o fazem no afan egoista de vir a repousar mais depressa, e para isso refórçam febrilmente o motor intimo da ambição?

Scientistas e poetas, cabotinos e ingenuos, falam ainda em juizos posteros. A Posteridade tomou um significado simplesmente religioso, mas, como quer que seja — um significado.

Pois não é um consolo para os martyres acreditarem seriamente no céo? Seja a Posteridade uma ficção de outra vida, um novo céo, o consolo ingenuo dos esquecidos e dos atropellados da vida espiritual.

Mas, hoje, os homens intelligentes vão, pouco a pouco, descrendo desse mytho humano.

Em todos os «intellectuaes» começa a haver uma pequena dóse de *arrivismo*. Já nem alludo aos que são puramente *arrivistas*, cento por cento, e desses anda cheia actualmente a arte, a sciencia, o commercio, a lavoura, a politica, a sociedade, à vida.

O especialista confia plenamente em sua descoberta. O escriptor confia seguramente em sua obra. Mas a posteridade é, afinal, uma simples palavra e o *seguro morreu de velho*. D'ahi a necessidade de archivar-se cada um em vida nos pantheons, nas companhias illustres, nos institutos de Immortalidade, nessas casas de *seguros de vida* subjectiva.

Assim, o especialista faz-se «entrevistar» pelos jornaes e vae desde logo summariando os seus estudos e as suas experiencias, dando a pista certa, ou conveniente, para que o jornalista, com uma bôa reportagem espectaculosa, desbrave o caminho e *garanta* o juizo da Posteridade...

Com o escriptor, é o mesmo processo. Elle sabe que o livro está lastreado de genio, ou de...colla. Sabe, tem certeza. Entretanto, são capazes de o não abrir... Ha falta de tempo nas redacções... Si o lessem, achariam o veio de ouro. Mas, si o não lessem ?

Por via das duvidas, o escriptor leva pessoalmente o livro ao jornalista... E' o primeiro «auto» do processo para à Posteridade.

Si o escriptor é cynico e o jornalista é um titere (hypothese muito possivel), o autor pede francamente um artigo elogioso que faça effeito nas «rodas», e successo, nas livrarias, ou, á hesitação do jornalista, o proprio autor faz o elogio e subscreve, *data venia*, com o nome do jornalista, o qual terá vencido a primeira etapa em sua carreira de critico...

Si é pudico o novo poeta,philosopho, ou inventor, não pede, nem faz: insinúa e informa. Explica o programma da obra, o itinerario percorrido, os óbices afastados... E abre tambem o seu caminho aos «posteros»...

Negar a verosimilhança dessas coisas seria tolissimo.

Politicos e esthetas, administradores e aulicos, todos comprehendem perfeitamente que o rythmo actual da vida não comporta aquelles escrupulos dos antigos heróes, só mais tarde desentulhados de seculos e seculos de esquecimento pela mão generosa de pesquizadores altruistas.

E não só cada um procura montar methodicamente o machinismo da sua *gloria*, sendo que alguns fundam verdadeiras repartições de elogio permanente para não se arrefecer a Pyra sagrada; não só instituem habilmente o seu «seguro de vida» espiritual, como subrepticiamente buscam desmontar o «laboratorio» dos collegas, negando-os, diminuindo-os, isolando-os.

Ahi está porque para cada artista, mesmo dos verdadeiros, noventa por cento dos outros artistas, tambem verdadeiros, são uma quadrilha de incapazes.

Ahi está porque, no interesse previdente de sobreviver, se juntam, não raro, aos tres e aos quatro, em intimas associações de auxilios mutuos, negando pão e agua aos outros, aos concurrentes á *ceinture d'or* da Posteridade.

Felizmente, a intellectualidade brasileira contemporanea, porque se affirma forte e nitida, poderia abrir mão desses processos alijatorios, si, acaso, os cultivasse.

Cada qual deve insinuar os seus meritos, focalizal-os mesmo, no limite da compostura pessoal e da dignidade profissional, sem, todavia, organizar allianças defensivas e offensivas, sociedades mormonicas, beneficencias combinadas.

A despeito da acceleração constante dos nossos rythmos, o profundo céo tropical nos vocaciona naturalmente para o sonho e para o extase.

Num paiz sem leitores nem editores, somos, ao que se diz, um povo de poetas. Poetas quasi sempre ruins, sem compenetração propria, sem orientação pessoal e que não se cansam de temperar, com rapadura, canella e herva doce, as mesmas sensualidades hystericas, as mesmas ternuras melómanas.

Mas, de entre essa legião immensa, que poderia

encher a Avenida com um *meeting* colossal, ha, sem duvida, uns vinte nomes fadados a apreciaveis destinos e uns tres ou quatro que hão de, fatalmente, ser lembrados, de hoje a cem annos.

Esses triumpharão, qualquer que seja o rythmo vigente.

Teria sido possivel eliminal-os *in ovo.*

Armado, porém, o surto, é balda antipathica a de depennar azas e desmanchar poleiros, porque as pennas teriam renascido e as arvores teriam offerecido em seus ramos poleiros naturaes para todos os passaros...

Mas a posteridade deixou de ser obra dos deuses para ser creação dos homens.

E' preciso, ainda assim, dignifical-a e exaltal-a, de sorte que nunca cheguem á admiração dos nossos netos nomes de mentira, figuras de palha, almas de emprestimo, heróes de espada de papelão...

# AS TRES CULTURAS

EM annuncio, ao portal da Sorbonne, esse titulo faria curiosidade e sensação. As tres culturas... Seria o thema de uma conferencia encyclopedica, um discurso de omnisciente, que, ainda mesmo no mundo da ficção pura, excederia as minhas forças.

Faltam-me as boas maneiras de cathedratico e, mais do que isso, a fundura de estudos e a reserva de idéas, necessarias á solemnidade da these e á segurança de sua defeza.

Sem esse exordio, não me aventuraria ás considerações que se vão ler, menos graves do que alegres, o que não quer dizer disparatadas.

As tres culturas: Parecerá que são a franceza, a ingleza e a allemã, culturas com *c* e com *k*, com devaneios esotericos á Bergson, com epilepsias fulgurantes á Nietzsche, culturas a todo sabor, á antiga e á moderna, culturas...

Bastaria, para o relativo successo do escripto, um confronto de creações nas tres «frontes» culturaes, a ingleza, a gauleza e a teutonica, a exemplo de uma demonstração de forças nas tres linhas frentaes da grande-guerra, que ainda é assumpto palpitante.

E haveria argumentos leves, a 75 francez e argumentos brutos a 420 germanico, de modo a preponderar no rol das maravilhas humanas, ora, o atticismo franco-latino, ora a perspicua sabedoria britannica, ora, a pangnostica profundidade tedesca.

Sou, porém, dos que se não preoccupam com essa renitencia de dar fronteiras á intelligencia e ao saber, e a quem sempre tenha repugnado esse disparate de territorialismo da civilização, submettendo a obra do progresso humano a delimitações pueris de raça e terra e estabelecendo no dominio das coisas serias o partidarismo aldeão do *cravo e a rosa.*

Para mim, não ha sinão uma Cultura — a cultura humana, a que, como expressão cosmico-social, chamamos a Civilização moderna e á frente da qual se tem encontrado pela dedicação orientadora e pela capacidade de iniciativa, ás vezes a Allemanha, muitas vezes a Inglaterra e, quasi sempre, a França.

Por isso, quando enuncio — as tres culturas — refiro-me simplesmente áquelle *mens sana in corpore sano*, phrase illustre, de cujo bojo substancioso se trifurcaram as tres culturas do homem — a physica, a intellectual e a moral.

Dizem autorizados mineiros e escaphandristas da archeologia humana (aquelles curiosos espiritos que vivem mergulhados ou entocados em civilizações esboroadas ou submersas), dizem elles que, desde a Grecia heroica, o exercicio dessa tri-cultura foi uma constante preoccupação publica e privada.

Não me consta, porém, que, já naquelles tempos, tenham ellas (as tres culturas) apparecido simultaneamente em um só homem.

Não sei si Plutarcho, um dos precursores e exegetas da cultura moral, teria tido ao mesmo tempo, a sabedoria profunda de Aristoteles e a musculatura epica de Achilles, ou si, por exemplo, Leonidas, avistando-se, porventura, no tempo e no espaço com o Thales de Mileto e o Catão romano, juntaria ao seu heroismo das Thermopylas o de levar á parede, no sentido scientifico, o fundador da escola jonia e ao prototypo da moral-fiscal de posteriores tempos, mais austeros.

Sei, entretanto, que, em nossos dias, as tres culturas raramente se encontram associadas. Dir-se-ia de cada uma dellas ser um ramo isolado de arvores differentes, entre si enxertadas artificialmente como ensaio botanico daquelle sinistro roble teutonico preconizado por Maximiliano Harden — symbolo vegetal da philosophia da Força.

E' certo que em Mauricio Maetterlink, aqui citado pela necessidade de exemplificar, se encon-

tram, mais ou menos, os tres ramos. O maravilhoso estheta, que, pela vastidão da sua cultura literaria e scientifica, é uma especie de J. H. Fabre das flores, como do proprio Fabre se diz ter sido «o Virgilio dos insectos», pratica sinceramente a moral do seu uso e é, ao que li algures, um verdadeiro athleta.

A sua cabeça gloriosa assenta sobre um pescoço á *Paul Pons* e esse bovino pescoço se atarracha num thorax entumecido e largo como o de Johnson, o *boxer*.

Mas é um exemplo isolado. Não se conseguiria reunir dez nomes de intellectuaes, que, intencionalmente, se houvessem feito *dreadnoughts* anthropoicos. Isso é, talvez, lamentavel, porque o ideal seria, sem duvida, achar no mesmo homem a intelligencia, a virtude e a força. Esse ideal é, aliás, pouco attingivel, principalmente no Brasil, onde as coisas mais simplices acabam sempre em exaggerações pernosticas.

Começamos em confundir cultura *physica* com cultura *athletica* e acabamos em deformar esta em theatralismo muscular da força, pervertido em exhibição elegante, com torneios de circo e palpites de jogo.

Soubemos, um dia, que os inglezes e norte-americanos, na estação propria e sem prejuizo á linha dos seus destinos naturaes e deveres sociaes e profissionaes, cultivavam o *foot-ball*, a equitação, o *rowing*,

etc., e desde logo se creou entre nós o *snobismo* dos musculos, e o proprio poder publico entrou a collaborar na moda nova, fomentando-a com subvenções e estimulos.

Desde então, ás velhas prâgas do bacharelismo, do burocratismo e do literatismo, aliás pragas inoffensivas e de intuitos quasi sempre nobilissimos, se incorporou a praga nova do *sportismo*, praga até certo ponto nefasta, porque, sendo o brasileiro naturalmente exaggerado, immethodico — e incapaz, por isso, de fazer duas coisas uteis, ao mesmo tempo — a doença do sportismo fez, pouco a pouco, das escolas e dos lyceus logares massantes *ou l'on s'ennuie*...

Ha cerca de dez annos — vêm minguando consideravelmente as gerações de bons estudantes. A preoccupação de «bancos de honra», medalhas, premios, menções honrosas, só tem guarida actualmente em meia duzia de espiritos ingenuos, provincianos... Os programmas escolares ficam sempre reduzidos ao terço e nos exames finaes, só é sorteavel o terço desse terço !

Para compensar, os *grounds* e os *stands* se enchem. E, para completar o desportismo diurno, ha o desportismo nocturno, os clubs elegantes, os jogos da meia-noite, os vicios modernos.

E', aliás, muito accentuavel que essa mocidade galhofeira é quasi sempre intelligentissima e tem ar-

gumentos atticos para a defeza do seu desmantêlo galante.

Ler e escrever ? perguntam. Ora, Moysés não sabia ler como nós e fez o Decalogo... Escrever ? Ora, gastar pennas e aprender calligraphia, quando já ha machinas tão aperfeiçoadas...

Estudar linguas, linguas vivas ? Ora, aprendemol-as, praticamente, no *cabaret* ou no transatlantico...

Alguns, porém, sabem escrever e fazem concurso para empregos, nas repartições. Escrevem. Mas, incapazes ainda mesmo de copiar, são designados pelos chefes de serviço para lançar nas copias o «confere» regulamentar. Tomam então da penna e começam a escrever «confere» : — *Com*... tem um ou dois *f f ?*

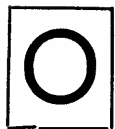
E, á natural risada do collega, respondem : Ora, menino. Adopte a *phonetica*...

Para esse estado de coisas tem contribuido seriamente o *sportismo*, isto é, a mania do desporto, substituindo a cultura physica mais discreta e, sobretudo, a educação mental.

E cumpre assignalar que o que se convencionou chamar aqui cultura physica, nada tem a ver com o *corpore sano* dos antigos.

Dou mais pela sanidade physica do sr. Ruy Barbosa, que, através de enfermidades intensas e constantes luctas no fôro, no jornal, no parlamento e nos

comicios, conseguiu, sob uma disciplina physica de atheniense, chegar aos 66 annos com uma admiravel resistencia de saúde, capaz de viajar dias inteiros e discursar horas a fio, do que pela arrogancia de certos athletas que, sobre pés tortos e pernas arqueadas, assentam um corpo formidavel, protuberando num thorax de ferro e desgalhando em braços cujos bicipites parecem kistos de aço encrustados nos tecidos...

# BRONZE A REFUNDIR

OS QUE se domiciliam na capital da Republica e ahi permanecem, ha mais de dez annos, sabem, testemunhalmente, que ha na cidade umas tantas coisas, bôas ou ruins, contra as quaes é baldada toda grita, todo esforço, toda persistencia, por mais viva e pugnaz : são coisas institucionaes da terra ou da gente — o carnaval, o jogo do bicho, o *não póde* dos tumultos e o basbaquismo commum das esquinas e de outros logares em que pontifica a bisbilhotice indigena.

Ao lado dessas, que, afinal, são figuras vivas, ou redivivas, de tradicionalidade urbana, vão se mantendo outras, a que chamarei — figuras estafermaes do Rio de Janeiro, e contra estas é mister malhar crebramente, ininterruptamente.

Os jornaes cessaram já de clamar contra a sinistra almanjarra da *City Improvements*, que, ainda hoje, entráva e macúla o encantador jardim collean-

te da Avenida Beira-mar; e deixaram sempre sem protesto aquella pavorosa victoria de máo gosto e caduquice que é o antigo Arsenal de Guerra, enkistado na linda orla guanabarina que se estende entre o Pharoux e Santa Luzia.

Entre os mais lamentaveis espantalhos sebastianopolitanos, deve-se contar, sem duvida, a maravilha do gongorismo esculptural — a estatua do marechal Floriano, postada na vizinhança de uma Bibliotheca e de um Theatro, sob as vistas do Palacio da Justiça.

A estatua merece bem ser estudada como silhueta, como desenho, como esculptura e concepção.

Como silhueta, não se póde applicar ao monumento florianesco aquelle alto pensamento de que os grandes homens e as grandes montanhas devem ser vistos de longe...

Observada, a distancia de silhueta — a celebre estatua é um paliteiro vulgar de *casa de pasto*, augmentado, é claro, e bem collocado em mesa de destaque...

Como desenho, é um amontoado de *esquisses* desharmonicas, posto que algumas, isoladamente consideradas, cheguem a constituir bons trabalhos de arte, prejudicando-as sómente o gosto do conjuncto, cuja expressão confusa é a de uma fructeira de internato, em que bananas e abacates se acambulham numa horrivel democracia pomoniana.

Como esculptura, o monumento póde ser apreciado de outros modos. Visto de frente e fechados os olhos aos pormenores, ha uma imponencia qualquer no pesado *meeting* estatuario : a bandeira inflada, a figura da *Gloria* ou *Posteridade* como que contendo a do soldado a não fazer bravuras com a espada núa... E' um tanto humoristico, mas tem alguma coisa de grandioso.

Dos pés da figura principal — *Floriano* — sáe um canhão, menos real do que convencional. Observado o monumento pela esquerda, aquelle canhão parece antes um tremendo côto de véla denegrido, ou um sopé de poste ferroviario.

Olhado pelo dorso, o monumento é horribilissimo: a bandeira, que, defrentada é quasi bella, vista do lado contrario lembra um couro de boi estendido ao sol...

Accrescente-se que do couro irrompem figuritas de anjos atirando beijos ao povo e tem-se completa idéa do desastre artistico.

Como concepção, a «bronzoleida» marechalicia desafia todos os Edipos esculpturaes do mundo : é incomprehensivel.

Verdade é que, ao se inaugurar o monumento, a commissão promotora andou espalhando uns prospectos explicativos e apologeticos da *goiabada* em bronze... Não era um caso de arte nova, ou futurista. Era, apenas, uma obra de arte, creada sob o «criterio positivo».

Mas os prospectos pouco adiantaram. Toda gente ficou *in albis* quanto áquella symbologia arvorada em interpretação da Historia e do Futuro, dentro de uma mixordia sem sentido.

E todo o mundo assim recompõe a Historia :

Floriano foi um grande soldado que o acaso politico levou ao Itamaraty para commandar em chefe a Republica. Naquelle posto,em meio a intrigas e dissenções continuas, o soldado estabilizou, com mão de ferro, o principio da autoridade, contra os planos de uma porção de aventureiros — alguns delles, diga-se a verdade, tão bem intencionados quanto o proprio marechal.

Isso, e mais nada.

Pois, si a historia é essa, a que vêm, na estatua, aquelles anjinhos formigando no lábaro, aquelles negros remando em secco (os remos se assemelham a colheres de pau), e aquelle padre mostrando o rosario a uma cabocla embasbacada ? E, mais, a que vêm aquellas incrustações e baixos-relevos, principalmente o que representa um almirante dançando *calerelê* de equilibrio nautico, no fundo de uma canôa furada ? !

Para contrapôr á exegese, constante dos prospectos da Commissão promotora, o povo alvitrou diversas interpretações humoristicas. Duas ou tres dellas chegaram a fazer época.

Segundo uma, o *marechal* subiu ao blóco para

ler ao exercito uma *ordem do dia*, e, vendo que a tropa toda quer subir tambem e imital-o, elle desembainha a espada e grita, energico : — *Aqui, não sóbe mais ninguem.*

Segundo outra, aquillo é uma tragedia ao ar livre e assim se explica :

A figura da *Gloria* (ou Posteridade) representa a *Inana*. A figura da *Patria* (ou «Humanidade» ) representa a *Viuva Alegre*. A figura do Marechal representa o «guarda-civil da zona». Distribuidos, dess'arte, os papeis, a *Inana* quer desabar sobre o guarda e este ameaça furar-lhe o ventre com o *casse-tête* (a espada do marechal). Em vista do conflicto, a *Viuva Alegre* tem uma crise nervosa e tenta atirar-se ao asphalto. E, nesse ponto, os anjinhos da bandeira entram em scena, assobiando, para chamar a «Assistencia»...

Como se vê, é a troça, a chalaça pura, tão propria do nosso máo-gosto de povo carnavalesco.

Mas a verdade é que o monumento, nas condições e circumstancias com que foi recebido e é tratado pela opinião publica, perdeu toda significação de arte, gloria ou perpetuidade.

O marechal Floriano, que fez, sem duvida, um dos nomes legendarios do nosso exercito, do nosso regimen e da Patria até, si o quizerem, não póde ficar debaixo daquelle pendão-barraca, numa pobre

attitude de máo humor, glorificado pela Chalaça nacional :

Porque — ou o monumento é uma obra de arte e o chalacear do povo traduz simplesmente que o Brasil é indigno della, ou o monumento é, de facto, um absurdo estatuario, e, nessa hypothese, é inadmissivel que se gastasse uma fortuna accumulada por subscripção publica, e mais o precioso tempo, e uma bôa somma de intenções mal interpretadas, para o triste resultado de eternizar no Ridiculo a figura de um dos homens mais typicos da nossa raça, si não, pela sua decantada firmeza e intransigencia, sobretudo pela encantadora fleugmaticidade com que encarava a esphinge do destino, nos momentos mais graves de sua existencia mesma e nos da de sua classe e do seu paiz.

Effectivamente, o *marechal de ferro* não foi mais que um bonancheirão stoico em quem a Fatalidade vestiu uma farda e a quem o acaso da Republica commetteu uma funcção nacional culminante.

Si pudessem falar as cinzas do Caboclo simplorio e honesto, protestariam, por força, contra aquella espectaculosidade confusa de fazel-o centrar, em bronze, toda a evolução da nossa Historia.

Recapitulando, dest'arte, as duas hypotheses estabelecidas quanto ao valor artistico do monumento, conclue-se que, ou se trata de uma Perfeição, que o povo não é ainda capaz de apreciar (tanto que a

tem convertido em pelourinho de pilherias e trocadilhos) e, nesse caso, ella é uma antecipação, uma precipitação, uma inopportunidade; ou se trata de uma fundação de ruim arte e significação dubia, e, ness'outro caso, urge restabelecer a verdade dos factos e a integridade da boa arte, conciliando o sentimento nacional com o sentimento artistico, por intermedio de outra obra, em que haja o verdadeiro senso da Immortalidade.

Nesta ultima hypothese, si o edificio é defeituoso e irrepresentativo, não póde ficar onde está, entre um pomposo Theatro, uma casa de Estudo, uma casa de Justiça e uma Casa de Arte — a Bibliotheca, o Supremo e as Bellas Artes, desafiando a sensibilidade e a intelligencia dos poucos artistas que têm a desgraça de não entender a symbologia architectonica daquelle ritual...

Seria o caso de submetter isso a plebiscito.

E, fosse séria a apuração, estou que, por maioria esmagadora, o bronze iria a refundir...

# O VALOR DAS FICÇÕES

TODO pleito eleitoral, de cuja trapaceada balburdia consegue, entre nós, sahir limpamente suffragado alguem, sem ligações partidarias, que luctou e venceu por si mesmo, parece insinuar a necessidade, paradoxal e dura de dizer, mas verdadeira em essencia, de acabar, por emquanto, com essa coisa mentirosa e nociva que são por ahi fóra os partidos politicos.

O supposto paradoxo está em affirmar essa necessidade, quando toda a agente affirma a necessidade do contrario — a da fundação de novas agremiações partidarias, destinadas a não sei que fins mirificos e salvadores.

Mas o que se vae ler, é a demonstração possivel de que esses reclamos não passam de méros torneios verbaes, sem consciencia, sem espirito, inanimados de convicção e sinceridade.

Emquanto não fôrmos verdadeiramente uma

organização nacional (e estamos ainda muito longe d'isso, como em livro notavel nos mostrou o sr. Alberto Torres); emquanto não fôrmos um contingente humano intelligentemente assimilado a uma fracção territorial do mundo — um povo integrado na razão do seu destino e na consciencia da sua força, todas essas externidades de partidos e convenções politicas são apenas, como valor pratico, bastidores de simulação, biombos, trincheiras, com que meia duzia de exploradores mascára interesses pessoaes, protegendo-se e garantindo-se, á sombra de mentiras convencionadas e á revelia da pureza e da justiça.

Só quando o povo souber ler, para discernir entre competentes e ignorantes; quando trabalhar e produzir por si mesmo, para distinguir entre aventureiros e emprehendedores; quando souber luctar e soffrer conscientemente, para joeirar entre fortes e astutos; quando o povo fôr uma expressão de força e as agremiações partidarias representarem a *linha de frente* de uma sociedade politica organizada, será facil comprehender a necessidade dos partidos — expoentes dos varios matizes sociaes, das grandes maiorias productoras e extractivas, affluindo-se e confluindo-se nas questões verdadeiramente nacionaes e dividindo-se, fragmentando-se, desdobrando-se nos pequenos problemas subsidiarios, e, como quer que seja, movimentando-se e vivifican-

do a sociedade politica — estado-maior da Nação. razão de ser do Estado, expressão vital da Patria.

E' o que, com relativa efficiencia, se pratica na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa, na França, nos Estados-Unidos, onde os parlamentos, ora, são unidades monolithicas, na defeza de um grande interesse nacional, ora, são fraccionamentos vivos, debatendo-se num terremoto de idéas e aspirações, ondeando e espraiando-se como os oceanos e, como os oceanos, elaborando, produzindo e fecundando.

Não ha ainda no Brasil uma sociedade politica : haverá, quando muito, algumas quadrilhas politicas, assim mesmo desorganizadas e instaveis, assustadiças e incertas, sem o valor epico das attitudes e a destemidez dos bandos quadrilheiros, que são, em seu genero, verdadeiras escolas de heróes canalhas.

Não havendo sociedade politica, não póde, legitimamente, haver partidos politicos. Porque, a havel-os, elles serão o que vão sendo — o partido de cima e o de baixo, os que comem e os que querem comer, e cujos programmas, por mais bellos e seductores, afinam sempre por este refrão inconfesso : — *Ote toi de là pour que je m'y mette...*

Esses «partidos» são apenas fogos-fatuos de occasião, inexistencias brilhantes em funcção de um homem, como em vida de conhecido chefe gaúcho, ou de meia duzia de homens, revivescencia grosseira

do «Conselho dos Dez», entre si mancommunados para a partilha do saque legalizado.

A existencia mendaz de taes partidos só tem um valor, negativo: o de impossibilitar a germinação dos verdadeiros ideaes democraticos.

Convenções executivas, directorios, mesas eleitoraes, juntas de apuração, commissões de verificação, são entrosas do mesmo carroção sinistro, atravessado, ha seculo, no caminho da verdade eleitoral.

A nação representa apenas a onda de curiosos em torno do estafermo, empenhados em vêl-o transitar. Paga, é certo, os concertos e as graxas necessarias á mobilidade da machina que a explora, mas está innocente da armação grosseira, feita á sua revelia.

Por isso, a *politica* intuitiva dos candidatos a qualquer posto de representação ou administração é a de *garantir-se* junto aos chefes, agradando-lhes as vaidades e prestigiando-lhes os desmandos.

Quer-me parecer, portanto, que, si não houvesse entre nós essas simulações de vida partidaria, cada candidato experimentaria a propria capacidade de iniciativa, esforçar-se-ia, trabalharia, contagiando-se com o povo, falando, agindo, insinuando-se na imprensa, nos comicios, nas luctas civicas.

E' claro que ficariam justamente privados de candidatar-se os que não soubessem falar nem escrever, os que não tivessem idéas, ou não soubessem

defendêl-as em publico, entre os problemas de ordem geral e interesse collectivo.

E assim deveria ser, para que as camaras legislativas não se enchessem de verdadeiros *parallelipipedos humanos*, sem voz, sem consciencia e sem vontade, capazes apenas de mastigar com dentuças de granito os tres contos mensaes do subsidio...

Na vigencia dos actuaes «partidos» e dos processos eleitoraes dos seus prepostos, as nossas *eleições* serão espectaculos humoristicos, com resultados hilariantes.

Neste paiz em que tudo é possivel, não ha homem sufficientemente corajoso, para affirmar, em consciencia, a significação electiva das nossas burlas.

Mas, si estão ao alcance de todos essas burlas indignas, como admittir, ainda hoje, que ellas constitúam um direito — o de se arrogar alguem depositario do poder ou representante do povo e cobrar, por esse direito, vencimentos avultantes, menos ganhos do que extorquidos ?

O que se vae praticando por ahi fóra, é a Fraude legalizada, o estellionato official, a mentira custeada pelo erario publico.

Será possivel dar termo a essas fintas ?

Tentando-o, é que se verá. A tentativa deverá começar por interessar a Nação nos destinos de si mesma.

E o desinteresse do povo por essas coisas vem

do narcotico de obscurantismo com que os politiqueiros conseguiram idiotifical-o.

Para o despertar, só ha um reactivo capaz — a instrucção. A instrucção e o trabalho, ou, noutros termos, a instrucção profissional.

Quando o povo souber ler com intelligencia e trabalhar com discernimento proprio, saberá, por força, valorizar os seus serviços e a sua capacidade.

E, na plenitude desse conhecimento, na consciencia dessa capacidade, não admittirá que velhotes cynicos e mocinhos pulhas estadeiem nos postos de responsabilidade e se installem na mesa do Orçamento, como na *mesa verde* dos clubs...

# INSTRUCÇÃO PROFISSIONAL

CLAMAM pela necessidade de facilitar e difundir o ensino publico primario.

Essa necessidade, sobre imperiosa, intuitiva, impõe-se, ingenitamente, em todos os problemas nacionaes diariamente apregoados — o social e o politico, o economico e o administrativo, de sorte que, sem ser precisamente a *causa-mater* das nossas desgraças, é, sem duvida, o refrão das nossas incapacidades e, resolvida que fosse, seria talvez a chave dos outros problemas, aliás innumeros, e, por esse aspecto, irresoluveis...

Na defeza dessa geral carencia de dar ás massas — ás populações ruraes, principalmente — a rudimentar instrucção, com que, ao menos, saibam pedir á folhinha a data certa e evitar nos documentos as assignaturas a rogo, seria superfluo qualquer argumento novo, e puerilissimo, explanar ainda os argumentos conhecidos.

Mas não basta clamar pela instrucção, clamar de oitiva, por moda, ou contagio verbal.

E' preciso clamar conscientemente, seguro do objectivo a collimar, das vantagens a auferir.

Antes de tudo, convém augmentar alguns dizeres aos termos da reclamação, alargar os *clichés* em que, dia a dia, se vae fundindo aquelle clamor, á medida que vae mobilizando adeptos e recrutando novos agitadores, para a campanha ao obscurantismo e analphabetismo brasileiros.

Diga-se que é urgente instruir as *populações ruraes* e accentúe-se bem isso. Porque, attendendo a grita geral, o poder publico é bem capaz de alargar o ensino primario nas vinte e uma capitaes e cidades já de si mais ou menos cultas, e deixar no esquecimento de sempre os villarejos e povoados.

E cumpre immediatamente fixar que ao ensino das primeiras letras e rudimentos geraes se deve seguir *obrigatoriamente* (sem coacção moral, mas,como necessidade technica imprescindivel) o ENSINO PROFISSIONAL.

Porque prégar simplesmente a instrucção primaria, sem dizer *porque*, nem *para que*, é muito bonito, muito patriotico, muito evangelico, mas é tambem um pouco demagogico.

Si o que se préga, é a creação e divulgação de um ensino inicial sob novos moldes intelligentes e praticos, não ha restricção séria a oppôr-se.

Si o que se quer, porém, é augmentar o numero das actuaes escolas e crear novas *burocracias* para contentar politicos, toda essa grita, toda essa *cruzada* não passa de uma *blague* formosa e scintillante.

A meia-instrucção que por ahi se ministra, nada adiantaria ao caso, e, em muitas circumstancias, só serve de estimulo a ambições adormecidas e sopitadas.

De posse desse meio-preparo, que tem o veneno das revelações incompletas e mal orientadas, a criança sertaneja e principalmente os paes matutos, facilmente alviçaraveis, vêem logo na precocidade, quasi fatal, das nossas crianças, um pretexto feliz de *consignar* o menino aos seus padrinhos ou a qualquer parente, das cidades, afim de que não se perca o provavel genio...

Chegada á cidade e passada aquella primeira precocidade, o sertanejinho faz-se rapaz e vae sentindo no espirito um complicado ninho de ambições. E aspira desde então a ser bacharel e jura aos seus deuses que só voltará ao seu logarejo natal, quando puder fazel-o embasbacar-se das suas condecorações e brilhaturas...

Assim, o menino promissor teria passado a *petimetre* inutil da cidade, com pretensões a magnata, ou a semideus.

Mas, ainda mesmo nas populações urbanas, não são melhores os fructos dessa meia-instrucção,

que leva os rapazes ao delta final do bacharelato, real ou frustro, transformando-os tambem em pescadores de emprego publico, ou «encostados», ou elegantes profissionaes, sem meio de vida honesto, pensionistas geitosos das *bôas relações* que desfrutam, ou jogadores, ou chantagistas, ou farejadores de alheios «dotes».

O remedio especifico a essas coisas, pelo menos ás classes pobres, ás gentes medias, nos sertões e nas cidades modestas, deve ser a instrucção profissional.

E' inutil abrir, os olhos da alma das crianças, só pelo prazer de cégal-os ou deslumbral-os. A' revelação deve juntar-se a explicação, sempre com a simplicidade intuitiva, de que é feita a verdade, na vida e na natureza.

Vincula-se o homem á terra (e d'ahi, a melhor expressão de patriotismo) pela instrucção profissional.

Verdadeiramente,o Brasil não será nada, emquanto não fôr um paiz de profissões definidas e conscientes. Porque, entre nós, não ha profissões e, em consequencia, não ha profissionaes.

Em maioria, os medicos vivem de ser fazendeiros ; os fazendeiros, de ser politicos ; os politicos, de ser advogados administrativos ; os advogados, de ser empregados publicos ; os escriptores, de ser jornalistas ; os jornalistas, de ser exploradores...

Forma-se um novo jornal, todos querem ser re-

dactores. Abre-se uma nova repartição, todo mundo quer ser escripturario.

Diante desses factos, pergunta-se naturalmente onde estão as nossas profissões organizadas e preexistentes á repartição ou ao jornal. E a pergunta não achará resposta facil.

Em que pése ao velho preconceito nacional de que os poetas não podem ser homens praticos, quiz syndicar, por mim mesmo, das possibilidades da instrucção profissional, no Brasil.

Deveria começar pelo ensino agricola, porque a agricultura é a riqueza da terra, e o nosso paiz deve contar mais com a terra do que com a gente.

Ha um aprendizado agricola em Barbacena. Estive ali pessoalmente e encontrei muito o que ver e applaudir : a aula, a officina e o campo.

Mal entra o homem a culturar-se nas primeiras letras, e a terra, nos primeiros tratos, terra e homem são cultivados em conjuncto, um em funcção do outro, integrando-se e vinculando-se.

O menino aprende a ler e logo depois vae arar e plantar. Para plantar, em consciencia do que faz, aprende — theoricamente, em aula, e praticamente, no campo — rudimentos de phytologia agraria — a botanica do agricultor, de modo que elle saiba, de sciencia propria, qual a melhor semente, e o melhor adubo com que fazel-a germinar, e os processos de desenvolvel-a, reproduzil-a, como unidade e quan-

tidade, e de resguardal-a contra flagellos supervenientes — os parasitas e as intemperies.

Junto ao campo, fica a officina. O agricultor é tambem um operario. Póde e deve fazer, com recursos proprios, de technica e experiencia, a sua charrúa e o seu tabique, e está preparado para impovisar uma ponte, erguer um supporte e construir a sua casita, sem as imperfeições e o máo gosto communs das choças ruraes brasileiras.

E' claro que a instrucção profissional não interessa unicamente á agricultura.

O mundo moderno está nas officinas e nas fabricas, na mineração, na metallurgia, no movimento, na transformação, no aperfeiçoamento, no progresso.

D'esse ponto de vista, dir-se-ia que ainda somos colonia...

— colonia de vadios e imprevidentes...

# GARATUJADORES

EM merecêra as honras de uma estatistica a percentagem, alarmantemente regressiva, dos que ainda sabem escrever legivelmente.

Tres coisas fundamentavam antigamente o ensino das primeiras letras : lêr, escrever e contar.

Agora, porém, com o ensino moderno — mal comprehendido e peormente adaptado ás nossas escolas de primeira aprendizagem — acontece que se dá ou se annuncia dar ás crianças uma rutilante instrucção «de fachada», com programmas cheios de hygienes, pedagogias, cartographias, civilidade e cosinha, moral e bordados — de sorte que os meninos e as meninas sahem da escola publica já meios-bachareis, mas ignorantes, não raro, daquellas tres coisas fundamentaes — lêr, escrever e contar...

E, ainda quando não saiam inteiramente desapercebidos desses tres rudimentos indispensaveis, é infallivel que a noção de escrever se lhes tenha atrophiado na inferior noção de garatujar...

Não quero dizer devamos retroceder aos ominosos tempos em que se recommendavam caixeiros e escripturarios unicamente pela «bôa letra» — uma escripta affectada, estudada, medida, uma especie de *manichurismo* graphico, obrigado a compasso, lixa e brunição.

Cumpre-nos, porém, reconhecer que, ha cincoenta annos atrás, havia a preoccupação de escrever legivelmente, isto é, em caracteres claros, normaes e coherentes, na vigencia de certas regras simplices e essenciaes.

E' certo que desse mesmo tempo, ou de muito antes, datam as firmas complicadas, as rubricas hieroglíphicas, as assignaturas de charada. Mas era tão reduzido o numero dos que prestigiavam essa má pratica (em geral, titulares, autoridades, gente de punhos rendados ) que era facil decifrar, pela importancia do papel, ou da personagem, quasi sempre idosa, a assignatura e o assumpto do documento a ser lido.

Nas escolas, entretanto, havia o proposito, o afan mesmo, de ensinar a escrever. Havia premio, ou castigo, para os que se esforçavam, ou não, por escrever com letra bôa e clara.

Actualmente, parece desapparecida de todo aquella preoccupação.

Nas escolas publicas, principalmente nas masculinas, criançada e rapazío garatujam como querem

e como entendem. Tem-se a impressão de ter sido abolida a penna e adoptado o palito.

Nas escolas femininas, notadamente nos collegios a que chamarei «internacionaes», tão recommendados á frequencia das meninas ricas, a degeneração graphotypica é, sobre mais perigosa, mais esthetica, pois que, mantido o uso da penna, se inventou a moda de escrever *á ingleza*, de sorte que todas meninas têm, incaracteristicamente, a mesma letra — uma letra carregada e angulosa, com lançaços que sobem, remadas que descem, uma horrivel letra que acutila, mas, pelo menos, é certa e decifravel.

E — curioso ! é essa a letra da elegancia, a letra da grande-roda feminina...

Sempre se entendeu que só ha elegancia onde ha distincção. Conheciam-se as grandes damas pelo talhe fino da letra, pela serenidade, ou vivacidade dos traços. Uma carta feminina trahia desde logo uma mulher, e, ás vezes, a determinada mulher que a escrevêra. Havia, por assim dizer, uma escripta pessoal, inconfundivel, nobre, fidalga. Nisso, a distincção.

Hoje a «distincção» consiste na «democracia» ; a letra de uma menina ou a de uma senhora é a de todas as meninas e senhoras : sacudida, angulada, espetiforme, e essa democracia acutilante é... é *chic*, distincta, é fidalguissima...

Ha vantagem, não obstante. A letra é legivel.

E, com ser vulgar, póde ser bella. E, si não ha belleza, pelo menos ha clareza.

Isso, quanto a senhoras e senhorinhas.

Mas a escripta dos rapazes é um clamor! Não sabem escrever. Ha uma repulsa fatidica entre os seus dedos e a canneta.

Já era assim, ha tempos. Modernamente, com o apparecimento das machinas de escrever, o flagello da garatuja é epidemia, devastação, arrasamento. Não sabem escrever! Não sabem e atacam as vantagens de sabel-o.

Para que escrever? E' mais bello e mais pratico dactylographar...

Parece um argumento, mas é apenas uma evasiva. Nem é mais bello, nem é mais pratico.

Admittido, porém, que o fosse, ainda assim seria necessario calligraphar ou, pelo menos, exercitar a bôa escripta.

Pelo facto de existir o arado, não se segue que a enxada é inutil. Mais expedita que as mãos humanas é a machina de costura. Veio a machina, mas os trabalhos manuaes de agulha, a arte da costura, o bordado, o *crochet*, os labyrinthos, etc., ficaram cada vez mais valorizados e mais nobres.

Assim a dactylographia poderia ser mais rapida que a manuscriptura e, por isso, mais pratica.

Seria mais pratica, si pudessemos communicar, immediatamente, ao apparelho a expressão do nosso

pensamento. Mas a machina não dispensa o modelo autographico. Em ultima analyse, é simples machina de copiar... Attenda-se, por outro lado, que, si todos escrevessem com asseio e clareza, si fosse uma realidade o ensino da calligraphia, não haveria necessidade da machina.

O proprio «rascunho» é em si já um vicio — o vicio da retentiva desleixada, a falta de exercicio á memoria, disciplina que não se usa mais nas escolas.

Argumenta-se ainda: Ha dactylographos que imprimem mais ligeiramente do que normalmente escrevemos. Ha-os. Mas não é *qualquer*, sim, os peritos excepcionaes do officio. Em regra geral e admittida a victoria do dactylographo na *corrida*, a prova dactylographica ficaria inçada de «carroções» e tropelias. Não se deve, por isso, confundir a dactylographia normal com o nascente *sport* dactylographico — uma nova maneira de correr... correr com os dedos, mecanicamente, inconscientemente.

Relativamente, portanto, a machina não é mais pratica do que a mão. Nem é mais bella a escripta machinal do que a escripta calligraphica. Dizer que o é, seria sustentar a belleza da oleographia sobre a da pintura e a do autopiano sobre a da interpretação musical.

Não passa siquer pelo meu espirito a intenção de negar as vantagens trazidas pela machina de escrever aos serviços commerciaes e burocraticos.

Combato, apenas, que o seu uso haja de abolir a aprendizagem da escripta e se dê carta branca aos meninos para desdenhar dos calligraphos, em louvor dos dactylógraphos.

O que, porém, me parece indigno de artistas e escriptores, é consentirem na dactylographação dos seus livros, e dos originaes dos seus versos.

Que o industrial, o corretor ou o advogado mandem machinar as suas razões, ou as suas notas de compra e venda — admittitte-se e justifica-se. Mas, que um homem de letras, um predestinado da arte, deixe de autographar carinhosamente os seus trabalhos e, em vez dos originaes da sua mão, guarde as pautas certas do dactylographo — acho-o pouco aristocratico e até offensivo ao *culto intimo* da arte, tanto quanto offensivo ao *culto externo* da religião admittir-se (e já se admitte infelizmente) que nos altares e nas naves dos templos os fócos electricos disfarçados finjam de cirios e candelabros.

Pois não é bastante a profanação de ver o objecto da nossa emoção e do nosso pensamento, reduzido a signaesinhos de ferro e chumbo, mettido numa complicada machina de varios cylindros, lambusado de graxas, amarrado, batido, torturado, e esse supplicio final da publicidade de que o prélo é intermedio ?

Seria justo que ao menos os originaes, as provas intimas da nossa arte, ficassem extremes da in-

tervenção da industria, conservando os traços do nosso caracter, a febre com que escrevemos, a exaltação em que vibrámos, superiores ás marchas e contra marchas da vida ephemera.

Mas até mesmo os poetas já adheriram á moda e, antes de passar pelas *linotypes* e pelas *marinones*, os versos são machinados em primeira mão pelas *remington* e *underwood*...

Tomando-se, por exemplo, um album de autógraphos, vê-se que a percentagem de assignaturas é quasi nulla. O que se encontra, são nomes desenhados — mistura de *maisculas* de fôrma com *minúsculas* communs manuscriptas — no fundo, garatujice vulgar.

A verdade é que tudo isso é devido ao relaxamento dos professores primarios, e, sobretudo, á lassidão passiva com que acceitamos, sob a alviçarice da moda, as innovações mais perniciosas, as tolices mais rasas, os desnaturamentos mais tristes.

# A VIDA NOS SALÕES

NA VIDA social, os salões são festivas estufas onde as civilizações urbanas insulam a elegancia e a belleza, a distincção e a graça, a polidez do trato e o requinte da attitude. São mostruarios vivos de sabedoria e bom-gosto, sinão no sentido mais alto e mais profundo, pelo menos na intuição dispersiva, na leveza gárrula, na imprecisão graciosa, esbatendo-se em ironia aligera e superficialidade amavel. São assembléas de um dia ou de uma noite, onde, sem a clangorosa bulha das casas officiaes de eloquencia, se discutem, ao debate ingenuo de palestras familiares, as coisas mais serias e as coisas mais frivolas, os ultimos livros e os ultimos figurinos, as ultimas descobertas e os ultimos escandalos...

Nesses encontros, de entrevistagem social, em que as almas, a exemplo das mãos, procuram enluvar-se para maior doçura do contacto, ha sempre

em cada angulo de sala, em cada roda, em cada grupo, um pequeno mundo de suave malicia, de harmonia, de brilho, de sonoridade.

Comprehende-se facilmente a fascinação que têm os «grandes salões» exercido sobre os chamados heroes do dia, as personalidades mais bafejadas pelo Successo e pela Fortuna.

Não souberam resistir-lhes á attracção magica politicos videntes, como Talleyrand, artistas superiores, como Chopin.

E o suggestionante prestigio dessas estufas humanas não vem desta ou daquella phase da Civilização — tem atravessado com o mesmo brilho as phases mais singulares da Historia social.

Entre nós, nunca se embaciou o seu fulgor tradicional.

Para o salão convergiram sempre os moços mais illustres, as individualidades mais gloriosas da politica, da sciencia e das artes.

Rapazes que triumphavam na academia ou no cenaculo, na tribuna ou no jornal, vinham colher no salão, que é o ancoradouro elegante das almas finas, os sorrisos de applauso, os premios de sympathia e admiração aos seus heroismos e aos seus feitos literarios ou artisticos.

Durante gerações e gerações de intellectuaes e gentishomens, se pratica no Brasil esse ritual, mais

ou menos bello, a que chamarei a enscenação mundana do Exito ou do Merito.

Em seu tempo, Nabuco foi para a vida social um «centro de mesa», um ornamento indispensavel. Bem assim, Maciel Pinheiro. Bem assim, Castro Alves. O proprio Tobias Barreto, com os seus modos hirsutos e a sua deseiegancia presencial, era, por ser palestrador scintillante — o dominador, a figura central das festas sociaes a que comparecia.

O salão é, pois, quanto possivel, um convergidouro de cultura e saber, de bôa educação e fidalguia.

Creou-se, d'ahi, a expressão *homens de salão* para designar os cavalheiros requintados, educados, distinctos. E a expressão tornou-se phrase-feita e cartel de estimulo. Todos, nobres e plebeus, se esforçavam por ser *homens de salão.*

Era assim, ha vinte annos. Emquanto os caixeiros (havia a moda de ironizar esses representantes de uma das classes mais dignas e mais logicas da sociedade), emquanto os caixeiros iam dançar nos clubs domingueiros, os academicos exhibiam nos salões nobres os seus laureis, e, entre os laureados, sempre se jocirava o maior merecimento, o maior apuro, a melhor belleza, a melhor «linha». Uns triumphavam pela indumentaria, de harmonia com a attitude, os movimentos doces no volteio ou no andar; outros, pela phraseação attica e sonora, encantan-

do, aqui, deslumbrando, acolá ; outros, pela digitação facil e culta, improvizando ao teclado maravilhas passageiras...

Eram os moços de salão.

Mas já é tempo de desfazer a gloriosa *phrase feita.* Os moços de salão de agora não são os Castro Alves, os Victorianos, os Nabucos, — ou os que os liam e os admiravam e, admirando-os, lhes copiavam as maneiras, a linha social, o feitio do laço, os aspectos externos da sua vida.

Nem elles mesmos, si redivivos, teriam nos salões de hoje aquelles ruidosos successos que os coroaram em noites memoraveis.

Ao escrever estas coisas, devo accentuar, e com inteiro agrado, que em nossas festas sociaes parece renascer o antigo amor ás manifestações da arte e da literatura.

Mas devo accentuar tambem que ás festas literarias ou artisticas, a sociedade que comparece, em mór parte feminina, vae geralmente com convite, gratuitamente portanto, e se externa a respeito com discretos applausos convencionaes, ao passo que ás festas do murro e do pontapé (em lingua elegante se diz *boxing* e *foot-ball*) comparece, com entrada paga, todo o mundo *chic* masculino e feminino, e as manifestações de agrado são tão freneticas e delirantes, que não as teria iguaes Jesus-Christo, si voltasse á terra para regenerar o caracter da nossa gente.

E é de ver como a imprensa entra a insuflar esses desregramentos inferiores. Si alguem descobre um novo typo de parachoques, qualquer coisa de incogitado no mundo da mecanica, na industria ou nas sciencias, a noticia desse novo esforço do homem para o bem da especie apparece (quando apparece) nas ultimas paginas, num desvão de columna, apagadamente.

Si, porém, algum mortal *heroico* fuzila a familia toda, num gesto de impaciencia, ou, desportivamente, mette uma bola, com os pés, num engradado de arame, ou conduz um barquinho com maior dextreza até um terraço aquatico de onde se dependuram rostos femininos, é contar, certo, que no dia seguinte os jornaes amanhecerão embandeirados em arco, e terão as primeiras paginas atravancadas com o acontecimento sensacional...

E o autor da façanha terá naturalmente o retrato estampado, em todos os moldes e posições.

E' superfluo accrescentar que esses heróes recreativos, heróes de remada e de *shool*, começam a ser tambem os heróes dos salões.

Rapazes das melhores familias, algumas vezes até ricos e formosos, trocam rapidamente o gorro de *rower* pela cartola de *dandy* e, fregolicamente, mal digerido o jantar, vêm fazer sua vida de salão.

A dança, que é hoje menos uma arte do que um desporto, tem nelles as principaes figuras. São os

triumphadores da noite. Com o desembaraço natural de *enfants-gatés* da sociedade, dão os primeiros passos, como, pouco antes, teriam dado a ultima remada e sáhem no *pas de l'ours*, bamboleando o corpo e entrecruzando as pernas.

No intervallo das danças, a *causerie* versa sobre pareos, *matches*, jogo franco, *goals*, trapaças...

São os homens de salão de agora.

Com as meninas, porém, a critica ha de ser mais leve. Certo, *qui s'assemble, se ressemble.* Mas actualmente as mulheres andam sempre mais alto do que os homens.

Ademais, ellas são as verdadeiras depositarias da distincção social e as embaixatrizes ephemeras do Chic.

Para um homem de gosto, a elegancia, nas mulheres, é elemento rival da belleza.

Mas, em nossa «grande roda», ora dominante, ha meninas que só têm educação indumentaria, como ha rapazinhos que só tem iniciação em physicultura.

São ellas que dão par, nos salões, aos heróes dos *stands :* uns e outros, levianos e vasios, uns e outros, rosadinhos e bem vestidos.

Não ha muito tempo, assignalava illustre chronista que os ultimos bailes da alta roda têm sido uma tristeza e uma frieza. E attribuia isso ao facto de ficarem os salões entregues a uns tantos mocinhos mais que ephebicos, os quaes deveriam ter ficado em

casa para dormir mais cedo e preparar a lição do dia seguinte.

Essa ironia scintillante é a expressão de uma verdade. Aquelles ephebosinhos, alambicados e corcundinhas, a retorcer-se no seu maxixe disfarçado, são os nossos... homens de salão!

# PRINCIPES MODERNOS

DAS velhas mentiras, secularmente endeusadas pela tolice humana, acclimou-se na America e sobrevive a muitos preconceitos demolidos pelo progresso natural dos tempos e abolidos pela moderna intuição das coisas a preoccupação de nobreza e fidalguia, tão ingenua, nas mulheres, tão ridicula, nos homens...

Bem se vê que me refiro a fidalguia, na significação originaria de *aristocracia do sangue*, já tambem hoje estabelecida entre cavallos e cachorros, e, não, á fidalguia adventicia da intelligencia e da bondade, á dos heróes e á dos santos, que sobrepairam aos limites ethnicos das gentes e ás excepções de estirpe, convencionadas para valorizar, *ad usum stultorum*, os plebeus de alma possuidores de titulos nobres.

Do ponto de vista espiritual, não póde haver duas opiniões. A aristocracia da alma é anterior ao Decálogo e aos XVII principios da Revolução.

Não a textificam archeologos ou genealogistas. Não a documentam pergaminhos ou veneras. Impalpavel e intangivel, ella não se define nem se demonstra, mas se affirma e se impõe. E' como a electricidade, que a sciencia em vão tenta explicar com esoterismos e subterfugios verbaes : está em toda parte e não está em parte alguma, ou, mais simplesmente, — está onde está.

De facto, póde-se, ás vezes, provar que um mascate tem melhor ascendencia que alguns barões. E' possivel mesmo demonstrar que nenhum dos ultimos «fidalgos de sangue» — desde o hirsuto Francisco José, com o seu *facies* de châcareiro aposentado, até ao juvenissimo Affonso XIII, com o seu perfil de quilha em secco, nenhum tem a serenidade de linhas physicas do nosso dançarino L. Duque, que só é duque em nome e, bahiano legitimo, não tem direitos á restauração em França ou á successão, na Hespanha...

Em aristocracia de espirito, não são possiveis confusões, nem ousadias que taes. Ninguem confundirá *William* Shakespeare com *Wilhelm*, König, nem *João* de Patmos com *João-Ninguem*.

Não obstante, é de vêr que a nobreza mais interessante ao exhibicionismo da gente mundana, é precisamente a *de sangue*, nobreza consistente em se julgar cada qual mais puro que os outros e exhibir como prova documentos amarellados, medalhas azi-

nhavradas, ou uma publica-fórma de devassa procedida na antecedencia, até á geração convinhavel.

E' claro que para isso é preciso, além de muita pachorra, muito dinheiro e, sobretudo, muita ingenuidade de espirito.

De nada serviu aquelle celebre concurso aberto pela *Revue des Deux Mondes*, pelo qual, submettida a estudo a genealogia da familia eleita como a mais nobre da Europa em certo periodo da Historia, se apurou que o seu membro mais remoto era um cigano arreliento e façanhudo.

Entre nós, já o sr. Alberto Torres, num livro verdadeiramente notavel — *Organização Nacional* — affirmou que toda a fidalguia dynastica do nosso tempo assenta no banditismo feudal ou em tradições confusas e artificiosas.

Tudo em vão !

No Brasil principalmente, paiz sem tradições, habitado, ainda ha quatrocentos annos, por uma nobreza absolutamente *cabocla* e colonizado, mais tarde, por africanos e portuguezes de nobreza secundaria, essa preoccupação aristocraticista de todos os rapazes prosperos e de todas as moças elegantes, é uma das mais preciosas instituições da nossa Raça... ou das nossas raças.

Não sendo possivel vincular á terra essa nobreza hypothetica, cada um appella para o seu ascendente estranjeiro.

Avalie-se que nobre seria esse que, ha cem ou duzentos annos, deixasse a commodidade e o esplendor de Paris, de Londres, de Berlim, ou de Lisbôa, para gosar, por gosto, ou não, a civilização brasileira, enscenada na rua Mata-Cavallos ou no páteo das fazendas...

Mas não se detém com essa exquisitice a imaginação nobiliarchica dos archiduques da Avenida e do Encantado. E explicam-se com a maior naturalidade: O bisavô de um era inglez e veio ao Brasil devido a uma aventura amorosa. A avó de outro deixou Paris, porque lá as finanças iam mal. Aquelle veio a passeio e ficou, por acaso. Aquell'outro veio a chamado e não o deixaram voltar. E todos tinham a sua lenda brilhante, sinão heroica. Todos eram nobres...

A gente acaba por se convencer, em face de tantas nobrezas, que os colonos, soldados e degredados trazidos por Thomé de Souza e outros anteriores mandões lusitanos se conservaram castos todo o tempo que aqui permaneceram, de modo que só o governador, os padres e, mais tarde, o vice-rei se preoccuparam com o *Crescite et multiplicamini* da Biblia.

Entretanto, o governo poderia muito bem ir ao encontro dessa velha enfermidade nacional, regulando e nacionalizando a nossa nobreza, creando-lhe até mesmo um imposto e, o que é mais, officializando essa doença de exhibição em suas resultantes

de effeito civico, isto é, vinculando-a aos fastos da nossa vida politica e aos acontecimentos mais bellos da nossa Historia.

Ficaria, por exemplo, estabelecido que nobres brasileiros não são os filhos naturaes de vice-reis, governadores-geraes, ou capitães-móres. Nem os descendentes de forasteiros *cavadores*, que vieram até nós, perseguidos ou aventurantes, rectificar insolvabilidades ou desvios moraes.

Nobres, são-no, antes, os que houverem descendido dos heróes da nacionalidade.

E, assentado esse ponto, ter-se-á consequentemente firmado que o nosso appellido *Silva* é o *von* do nosso puritanismo nobilitario.

Examine-se a galeria dos nossos pro-homens: Bonifacio, o Patriarcha, sem duvida a figura maior da nossa Historia, chamava-se Andrada e *Silva*.

Cayrú, um dos nossos veteranos juridicos, que ligou o seu nome ao primeiro gesto universalista da nossa balbuciante civilização commercial, era, tambem, brasonado pelo *von* nacional — *Silva* Lisbôa.

Caixias, o integrador, o civilizador militar, era Lima e *Silva*.

Devemos o Hymno Nacional, o *Gloria in Excelsis* da nossa vibração patriotica, ao quasi obscuro Francisco Manoel... da *Silva*.

Aquelle ingenuo brasileiro, illuminado de ideal e

ennobrecido de abnegação e coragem, o protomartyr da Republica, assignava-se — *Silva* Xavier.

Um dos apostolos do novo regimen, então sonhado, de todos talvez o mais popular, foi, por coincidencia, outro Silva — Silva Jardim.

Ainda hoje, os Silvas dão a nota, na sciencia, nas letras, na politica, na administração.

E tanto é verdade que esse apellido tem um tradicional prestigio de pureza, requinte e integridade, que, mesmo em relação ás coisas e aos factos, é commum empregal-o no intuito de caracterizar esses factos e essas coisas no ultimo grau de perfeição ou de realidade.

D'ahi, dizer-se vulgarmente — «Acabadinho da Silva, casadinhos da Silva, promptinho da Silva».

E' bem possivel tenha sido descoberto pelos nossos naturaes o condão de pureza e nobreza emprestado a essa palavra terna e humida.

E, porque, entre nós, nem mesmo os engeitados e os espurios abrem mão dos seus «direitos nobiliarchicos, todo filho de paes incognitos, todo *Zé sem nome* se faz instinctivamente appellidar de *Silva*...

De onde se vê que a velha doença vae já constituindo um circulo-vicioso.

O *processus* natural da enfermidade é mais ou menos este:

Um cidadão qualquer, oriundo da Roda dos Expostos e, forçosamente, feliz no jogo como todos os

engeitados, abre uma casa de loterias e faz fortuna. Compra desde logo um baronato e casa-se. Prolifėra. Não tendo paes certos e não convindo confessal-o aos filhos, escolhe entre os antecedentes possiveis os de melhor effeito. Elle descende, sem duvida, de S. Luiz, rei de França...

A lenda crea logo em casa fóros de cidade. A mulher encampa-a e espalha-a. A filharada se apega a isso, como a um facto. O novo barão compra immediatamente uma porção de missangas, livros antigos, bengalas historicas, ossos prehistoricos, coisas phantasticas. Os netos entrarão a adorar aquellas bugigangas authenticadas a bom dinheiro.

E está fundada mais uma *casa-nobre*.

Amanhan, vá um simples mortal de bôa apparencia ethnica e bôa conducta moral pretender a mão de uma das princezas, netas do banqueiro loterico, e haverá, por certo, um *conselho de familia* a escandalizar-se da ousadia...

O que vale sempre no caso, é que o natural instincto de amor das *fidalguinhas* mais depressa as leva a escolher um *plebeu* intelligente e bello do que um estafermo illustre carregado de pergaminhos e mentiras.

# O ELOGIO DA VALSA

VERIFICA-SE, com tristeza e lastima, o desvirtuamento dos nossos habitos de salão.

As grandes-figuras femininas e masculinas se afastam para as varandas e desvãos, alheadas, na lassitude das palestras scepticas, ao motivo ou pretexto que as conclama — o baile. D'isso resulta tornarem-se pessôas centraes das festas meninas cuja instrucção não vae além da indumentaria, rapazes cuja educação social vae sendo feita, alternativamente, nos «Bohemios» e nos «Diarios».

Annunciado um grande baile, commemorativo ou solemnizador, d'esses para cujo brilho se despovôam as estufas da nossa formosura e os museus das nossas preciosidades, enchem-se desde logo as salas de *babies* e bobos, meninas de treze, meninos de quinze, sobre os quaes as casacas perdem a gravidade sumptuosa e os peitilhos têm ironias pueris de «babador».

Aos primeiros compassos da musica, formam-se os pares, graciosos e impuberes e exhibem theatralmente as acrobacias choreographicas que, com o rotulo inglez de *rig-limes* e a meia-mascara franceza de *tangos brésiliens*, vão transformando em palcos moveis os salões da grande-roda e em sessões de variedades as festas caseiras da gente mais simples.

Occorre-me, por aqui ficarem apropositados, dar resurreição a uns velhos juizos archivados no cemiterio da minha secretária, velhos conceitos que, relidos agora, se me afiguram algo sympathicos, pois que resultam num enternecido elogio da Valsa — da Valsa, que é a grande creação choreographica em qualquer tempo, a harmonia do Movimento e da Attitude, a ondulação gorgeada e embalada, em suave idyllio da melodia e da cinematica.

Por mais que a imaginação *blasée* da gente hodierna ande a inventar *passos* novos e inusitadas *poses*, escandalizando no saracoteio e no deboche, ou seduzindo e excitando pela liberdade salomeliana dos colleios e pela provocação das posturas lascivas — ou o desnudamento nevrotico das danças orientaes, ou o cynismo esturdio dos bailados scenicos, de symbolização metaphorica, com que o theatro, decadente, dissimúla a sua cadaverização flagrante — a Valsa throneja ainda, porque é a mais gloriosa expressão móbil de Terpsychore.

Throneja ainda, thronejará sempre, porque é a

propria Belleza movendo-se no Rythmo e traduz serenamente o que a musica insinúa na lingua balbuciante dos sons.

A partir da palavra que a designa e dos movimentos que a definem, a Valsa teve, desde sempre, o condão de universalizar-se e perpetuar-se.

Na propria expressão verbal, que é a carne do Som, invertido assim o pensamento de Corrêa de Oliveira — *o som, barbara carne da palavra* — a Valsa deste logo assignala o seu prestigio.

No valor da designação vocabular, *schottisch* lembra um espirro insólito; *mazurka* suggere coisas esdruxulas e dá sensações áridas ; *polka* dá a idéa de uma pata suina mergulhando em agua estagnada...

Entretanto, *Valsa* traz a suggestão de qualquer coisa que não occorre á penna, qualquer coisa subtil e macia, pura, limpida, etherea...

Prefiro insistir mais vivamente no ponto de vista choreographico. A valsa é, ainda ahi, fundamental. Como expressão symbolica e realização de arte, entra, sem sacrilegio, para a aristocracia emocional da vida.

Póde-se dizer em verso classico :

*Bailavam na vertigem do seu Sonho.*

Seria, porém, um desalinho, uma deselegancia, um plebeismo desolador, substituir, no verso, *valsavam* por *polkavam, tangavam, maxixavam...*

Entre a valsa, em particular, e a choreographia convencionada, em geral, ha uma relação comparavel, *mutatis mutandis*, á que se estabelece entre poesia e poetica. Poesia é a expressão do bello em natureza, a Belleza falada espontaneamente, naturalmente. Poetica é a expressão artificial dessa belleza, isto é, a belleza medida, regrada, aprimorada. Mas a poetica, como belleza externa, deve-se amoldar á *belleza intima* da poesia. O continente deve nesse caso subordinar-se ao conteúdo, mais do que este áquelle.

Ora, diante de qualquer choreographice de theatro ou de terreiro — bailado, batuque ou cancan — não se tem outra impressão a não ser a de coisas bem convencionadas. Os movimentos são interessantes, excitantes, são até, si o quizerem, artisticos — mas têm apenas o valor das fórmas adjectivas: obedecem a esse criterio, como teriam obedecido áquelle, ou áquell'outro.

Só a Valsa envolve o Rythmo na sua harmonia intuitiva e na sua fórma precreada.

Para traduzir a valsa — harmonia de sons — só poderia haver a valsa — harmonia de movimentos. E' o subjectivo e o objectivo traduzindo-se, precisando-se, completando-se.

Na fatalidade dessa completação, na qual fica a dança para a musica como a luva para a mão — está o predestino triumphal da valsa.

E, pois que das coisas intuitivas e predestinadas é que resalta a belleza eterna e as fórmas definitivas, a Valsa é, choreographicamente, a expressão das expressões.

No *two step*, os pares suggerem ao observador a lembrança de um *meeting* de equitação. A mazurka é um trote equidio em duplicata, bilateral e parallelo. A polka está para a dança como a chalaça para a ironia. E' remoida, remexida. Faz pensar em escravos moendo canna, ralando côco, debulhando milho. De movimentos faceis e acanalhados, era forçoso viesse a fazer o encanto dos que valsam mal, como acontece agora com o *pas de l'ours* e o *one step*.

Alastrou e, no sentido da baixa vulgaridade, excedeu em prestigio a propria valsa. Nesta, a generalidade é aristocratica. Na polka, o plebeismo victorioso. Uma, o salão ; outra, a copa.

Não se diga, em objecção, que ha polkas nobres, á imperial e á militar. Porque ha tambem imperadores debochados e militares tarimbeiros.

Demais, a chamada polka militar é ainda mais boçal do que a commum. E' o consorcio da cosinha e da guarita, com a estrebaria á vista : um galope constante, para aqui, para alli, obrigado a continencia e encontrões.

Só a Valsa tem significação de arte. Ella é a expressão em rythmo animado da Arte por excellencia — a Musica. E' a poesia do movimento, a cinema-

tica do idyllio, o hymno mimico da Volupia e do Anceio, a aristocracia dos gestos, coordenados pela harmonia dos desejos.

Regorgita o salão. Valsam. E' uma enseada luminosa, ondulando, ondulando.

Cada par fórma uma gondola movida por um favonio sonoro — a Orchestra.

Os pares fazem em movimento o que a musica faz em harmonia. Ha vôos contidos, ansias frustradas, harmonias de almas, voliteios de corpos. E' a Valsa. Delicia dos olhos e dos ouvidos, delicia dos sentidos.

A musica é a linguagem cifrada dos deuses. Os deuses são nobres, mas simplices. A valsa é como os deuses : elevada e accessivel.

Nella se abeberaram os mais altos maravilhadores e os melómanos piegas de realejo.

Na sua côrte andam semi-deuses requintados como Chopin e principes de meio-sangue, como Waldteufel.

A' sua excelsa diplomacia fascinadora, se avistam para o galanteio e para o amor os fidalgos e os bohemios, os sonhadores e os saltimbancos.

Têm crystallizado na Valsa as mais altas siderações do Sentimento. Ella é somnambulismo rythmico de corpos e entresonho mystico de almas...

A sua agonia é uma resurreição.

# O AEROPLANO

ÉJÁ uma evolução assignalavel a que vae da *Passarola*, de Bartholomeu Gusmão, ao primeiro balão-livre que aeronavegou conscientemente, com o vôo regulado por um motor e a róta calculada por um chronometro.

Mas não é só. Do «dirigivel 9», de Santos Dumont, ao ultimo *zeppelin*, do conde teutonico ; do primeiro *demoiselle* monoplanico, do nosso compatricio, aos recentes *taubes*, atrevidos e demoniacos, ha todo um mundo de tentativas e ensaios, de estudos e experiencias, ao ar pleno ou á meia-sombra dos laboratorios, no meio surto dos parques, na officina-aprisco dos *hangars*, ou na consagração final do Espaço livre.

Entretanto, o que mais interessa em todos esses estagios, através dos quaes a aeronautica se vem modelando pela esphera e pela ellipse, pelo passaro e pelo insecto, até aos nossos dias, em que parece fixar-se o typo *libellula*, é precisamente o lado mo-

ral do problema, as reviravoltas por que tem passado o apparelho volante, relativamente ás suas vantagens, ás suas consequencias, aos seus descortinos...

Quando, á primeira vez, em Paris, aos olhos do Aero-Club, reunido em conselho ao ar livre, Santos-Dumont se alçou em sua machinazinha fusiforme, contornou a Torre Eiffel e voltou ao ponto de partida, todos os hierophantes do Planeta — profissionaes ou desoccupados — vaticinaram maravilhas e embasbacamentos, coisas phantasticas que haviam de apparecer, depois daquelle successo aligero.

Regulada a navegação aérea, haveria um *bouleversement* em todas as sciencias. A geographia seria inteiramente outra—decorada mais pelos olhos do que pela memoria — e reviveria, em pouco tempo, como uma disciplina nova dos conhecimentos humanos...

Descobrir-se-iam as nascentes dos rios ainda meio mysteriosos, como o Nilo; levantar-se-ia o véo de enigma que envolve o pólo ; resolver-se-ia em luz intensa a neve eterna do Hymalaia ; traçar-se-iam novos mappas, exactos, indiscrepantes ; o homem teria no seu angulo visual o melhor compasso, a melhor medida para as distancias, o melhor ponteiro para indicar as variações do tempo...

Seria, portanto, uma revolução, no mundo e na vida : uma nova Renascença silenciosa e pacifica, sem aquelles preambulos de feudalismo, guerrilhas, massacres, tyrannias.

Ao desenrolar de todas essas previsões, Santos Dumont sentiu-se, á força, exorbitar dos seus meritos, agigantou-se e divinizou-se.

Elle foi então o *enfant-gaté* da Humanidade, o prodigio dos prodigios, o heróe que, no improviso de Patrocinio, voava com as azas de dois seculos...

Em homenagem ao seu velivolo, accorreram a Eloquencia e a Modinha, a oratoria do Congresso e o triolé das ruas.

Até a Moda — divindade moderna a que todos se curvam — teve de curvar-se ao triumphador. Os collarinhos eram *Santos-Dumont*. Os collarinhos e as gravatas, os chapéos e os borzeguins, o bigode e os penteados.

Em lôa ao voador, gemeram teorbas e violões, a musa ingenua das redondilhas e a musa hirsuta dos futuristas...

Passaram-se dez annos, e o mundo é o mesmo. Nada esclareceu a aeronautica aos segredos do cosmos e ás indecisões da Terra. Não se aventurou ella a dizer a ultima palavra, a dar a ultima senha do mysterio polar. Os pontos obscuros da geographia e das sciencias continúam obscuros, ou lentamente desbravados por aventureiros do saber, ou investigadores obstinados. A altura dos grandes montes continúa mais presumida do que precisada. Em seu conjuncto, o mundo é o mesmo.

Para compensar, a panoplia moderna das nações tem um novo instrumento de ataque.

Os *dreadnoughts* têm na pôpa o seu appendice aerofluctuante. Do camarim dissimulado sáe a abelha venenosa — o hydroplano — espião de guerra, collaborador aperfeiçoado dos holophotes e dos semaphoros para antever o inimigo e iniciar a hostilidade.

Os grandes exercitos têm, em terra, a desejada *quarta arma* — o seu batalhão de *capoeiras* do Espaço, navalhistas aereos, denunciando e ferindo, em escaramuças e negaças. Ou, para maior independencia de acção, formam as grandes frotas de dirigiveis-monstros, os *zeppelins*-phantasmas, verdadeiros elephantes alados, que se elevam a dois e tres mil metros, para esguichar, de cima, chuvas de fogo, explosões tremendas, incendios horriveis, o alarma e o terror, a ruina e a morte.

A essa praga de buffalos aereos, aproveitados em quarta-arma de defeza humana, a esse novo flagello, que tira o somno ás cidades e redobra a vigilia aos quartéis, fortalezas e acampamentos, os criticos militares europeus chamam, euphemicamente, os *olhos da tropa*.

Expressão identica occorrêra muito antes a Euclydes da Cunha, no dizer do qual um dos nossos engenheiros de guerra foi o *olhar da expedição* a Canudos.

Mas, sem discutir primazias verbaes, o que realmente está fixado entre militares é que o aeroplano é o olhar dos exercitos.

E' um olhar terrivel que lança chammas, como o dos lobishomens, e vê nas trévas, como o das corujas: olhar que se não satisfaz de informar ou denunciar — invectiva e accommette; olhar que requeima e em cada um de cujos raios ha destruições e morticinios.

Que sinistros olhos de guerra, os aeroplanos! Cae-lhes uma *pestana* e, na deflagração da quéda, rolam palacios, ardem celeiros, fumegam os campos.

Ahi está a summula daquellas maravilhas prophetizadas pelos hierophantes de ha dez annos. E' para isso que se vão arriscando e envelhecendo os Dumont e os Wright.

E' essa a realidade do sonho que victimou Augusto Severo.

A Europa curvou-se ante o Brasil...

Curvatura inutil.

De posse daquelle segredo extraordinario que um brasileiro revelou em Lisbôa e outro brasileiro completou em Paris, — allemães, inglezes, francezes, russos, italianos, austriacos, belgas corvejam sobre as cidades adormecidas, assustam populações inermes.

A quarta-arma das tropas é a pirataria do Ar, a

espionagem de azas, o contrabandismo impune remigiando sobre as fronteiras agora e sobre o Fisco, amanhan, sobrepondo-se aos óbices da Terra e aos limites da Sociedade.

A cada novo *raid*, descem sobre o mundo novos anáthemas e novas desgraças.

A cada nova revoada desses maribondos armados em guerra, amanhece uma aldeia em esboroamentos, mutilações, loucuras, tragedias.

No mar, os effeitos não são differentes. Os hydroplanos são aves-peixes, vampiros-caçadores, salteadores das naus perdidas ou desarvoradas. São, concomitantemente, albatrozes e milhafres, guardiões e piratas.

Avião gaulez ou abutre teutonico, o aeroplano, agora chrismado com o nome de *laube* ou *lauben*, é, não obstante, um verdadeiro passaro de máo agouro.

Essa é a obra da aeronautica.

Melhor fôra nos detivessemos na *Passarola* do homem-voador. Melhor fôra não passasse jamais a arte do Vôo de uma vaga possibilidade e aspiração remota.

A aviação é uma idéa em marcha. E' o triumpho em vôo : tem marchado, tem voado, tem progredido.

Até aqui, porém, os seus beneficios são esperanças e hypotheses, devaneios de poetas, illusões de sabios.

O acervo dos seus maleficios é que já poderia encher um grosso *in folio*, que seria o livro-negro do nosso tempo, o codigo da impiedade ou da inconsciencia, dissimuladas em dever de sangue, em patriotismo, em bravura, em astucia, em intelligencia.

# JOFFRE

O MILAGRE do Marne... foi assim que Maurice Barrès preferiu explicar a barreira de resistencia opposta, quasi ás portas de Paris, contra o formidavel avanço do trem de guerra allemão, preste a barafustar pela estação final de Saint-Lazare.

Um milagre — ahi está o termo.

Mas, em contraste com a serena explicação de Barrès, a ternura civica franceza entôa estrophes e imprime opúsculos em honra a Joffre, o *notre Joffre*, paternal e gôrdo, arvorado, pela demagogia militar do momento, em pae da França, salvador do Mundo, defensor da Civilização.

A esse contagio demagogico não soube forrar-se o proprio sr. Lavedan — o illustre mestre da chronica, aquelle conversador prodigioso que parece gravar as suas palestras em folhas de nimbos com ouros de sol.

As suas *Les grandes Heures*, que das paginas da L'Illustration passaram agora a elegante folheto, accusam a exaltação marcio-romantica em que toda a nação franceza anda a descabellar-se dramaticamente, ou a rezar mysticamente, nos oratorios, e nas ruas, em verdadeiras procissões *ad petendam vindictam*.

Entretanto, a faculdade de exaggerar, exaggerar até ao ridiculo, é virtude nossa, cá dos tropicos.

Posto que a conflagração não nos possa interessar mais do que aos belligerantes mesmos, é curioso que os embates militares da grande-guerra nos vão tornando mais realistas que o rei... E, assim, nos jornaes, nos cenaculos e nas esquinas, ha batalhas verbaes terrificas, jogadas permanentemente entre alliados e germanóphilos.

As columnas de alguns diarios são, em certos dias, verdadeiros trechos do «front», com as suas trincheiras, as suas metralhadoras, os seus tiros de *barrage* e os seus bachareis cartographicos.

Para a maioria delles, Joffre é o grande genio, o mais-que-genio, o Supergenio.

Nos primeiros dias da guerra, os germanistas brasileiros, ainda os mais vermelhos, se contentavam em chamar a Guilherme II o Napoleão do seculo XX.

Não quizeram deixar-se atrás os alliadistas da nossa imprensa e, com aquella munificente imagi-

nação de latinos caldeados em tupys, proclamaram o Taciturno, o bonancheirão generalissimo — o maior general de todos os tempos havidos e por haver — maior que Napoleão, em genero, numero e caso...

E ainda somos muito felizes de não saber portuguez o illustre chefe das tropas da *Entente* e não ler os nossos editoriaes. Si o estrategista do Marne lêsse os escriptos dos seus admiradores transoceanicos, daria gargalhadas tão francas e desbandeiradas, que fariam oscillar a barraca de commando.

No bom sentido, Joffre não é, nem um guerreiro. Não sei, aliás, si o mundo contemporaneo comportaria novos guerreiros, outros cesares e bonapartes. Mas, ainda mesmo na hypothese affirmativa, é certo que os não ha presentemente : não nol-os ainda offereceu esta maior guerra da Historia.

Joffre é—e isso é o que não se póde malversar— um admiravel e competentissimo *doutor da guerra*, doutor de borla e capello, como, igualmente o são Mackensen, Hindenburg e esse formidavel enxadrista de unidades humanas, Kuropatkine, tardiamente chamado a dar o seu *tento* na horrivel trapalhada que vae subvertendo o mundo.

Joffre não é um guerreiro. E' um calmo, sereno, perfeito director de secretaria, em cujo serviço ha dez milhões de funccionarios... A differença é que esses funccionarios não se servem de penna, tinta,

lapis: — servem-se de *mausers*, baionetas, granadas...

Nessa funcção absorvente e exhaustiva, o «Taciturno» é, talvez um homem providencial na bôa distribuição dos funccionarios, licenceando uns, engajando outros, equacionando elementos, contando e descontando, um *burocrata* de mobilizações e abastecimentos, probabilidades e certezas, sempre activo e previdente, trazendo em dia o almoxarifado, a arrecadação e o expediente geral.

A guerra moderna não é, aliás, outra coisa — a equação da Morte, ou a «matança a frio», como bem disse um dos nossos pensadores mais argutos.

Assim, o que se está passando nas varias «frontes» belligeras, não permitte a revelação de nenhum guerreiro.

Os raros ensaios disso que teria havido ultimamente, desappareceram com a devastação da Belgica e o esmagamento da Servia — pequenos scenarios, onde o velho espirito marcial dos grandes heróes armou alguns surtos brilhantes e inuteis.

Pois que a guerra contemporanea é um choque bruto de machinas e apparelhos mecanicos, o genio não está nos generaes que delles se servem com maior ou menor habilidade, mas, verdadeiramente com os scientistas que os inventaram e os industriaes que os apropriaram.

E' claro que, quanto mais se vae impossibilitan-

do a manifestação do *genio* militar, mais se alarga e se desenvolve a *aprendizagem* militar, cuja traquitana é cada vez mais complicada, mais technica, e cujos factores apparecem e desapparecem, se appõem, se repõem, se decompõem com precisão logarithmica.

Joffre terá, dess'arte, mais *saber* do que Alexandre e Annibal. Mas saber não é *sabedoria*. A sabedoria militar, o condão divinatorio, a intuição predestinativa, parece ter morrido com o grande Corso.

Nas mesmas condições, se poderia dizer que, com toda a reverencia ao *saber philosophico* de Augusto Comte e H. Spencer, sem duvida os maiores *doutores de philosophia* moderna e em que pése aos seus conhecimentos incomparaveis, á sua *vis organisatrix*, á sua agudeza e á sua vastitude em synthese e analyse, etc., os philosophos, *vero sensu*, os genios da philosophia são ainda Socrates, Platão, Aristoteles...

Quer-me parecer, pois, que, com o decorrer das ultimas guerras, o genio militar vae abrindo fallencia.

A victoria estará sempre com quem tiver o maior *numero* e as melhores *machinas*. D'ahi, o formidalissimo poder germanico, cujo exercito é «um cyclone regulado por um chronometro», na luminosa expressão de Junqueiro.

Em face dessas noções terra-a-terra — appre-

hensiveis, porque praticas, e indiscutiveis porque evidentes, é quasi pueril esse endeusamento universal do velho Joffre adiposo e illustre, previdente e manso, cujo *facies* accusa antes um hoteleiro em ferias que um general illuminado pelo genio.

Estas considerações de paizano e sceptico vêm naturalmente forradas a qualquer orthodoxia partidarista.

No sentido militar, sou neutro. E, abstrahindo da guerra, as minhas sympathias são, ao contrario do que se teria presumido, sensivelmente anglo-francezas.

A Allemanha é uma grande patria artificial — uma federação feita á nossa vista, não ha meio seculo, uma *soldadura* internacional feita em cadinho de quartel...

E' uma patria de homens fortes e mulheres feias...

Prefiro a França, das mulheres bellas e dos artistas puros, e a Inglaterra, isolada e typica, independente por natureza — *patria tradicional*, desenvolvendo, numa ilha relativamente pequena, as maiores iniciativas de paz e do progresso, patria livre, onde o *Labour Party* é uma força, e o *morbus* militar, uma excepção de momento.

Demais, a felicidade humana e a evolução da vida desaconselham as *patrias grandes*, absorventes e perigosas, como a Allemanha, a Russia, os Esta-

dos-Unidos e preconizam as *pequenas* patrias harmonicas e activas, como a Suissa, a Belgica e esse imperecivel Portugal minusculo que, com dois dedos de territorio e uma eternidade de alma, civilizou dois mundos, formou um povo, fez uma lingua e creou uma literatura.

# MUTAÇÕES DE MARTE

A JUSTIÇA dos homens tem o seu symbolo numa balança entrelaçada, em emblema classico, a uma espada. E' a espada da Lei.

Li algures que essa representação é de uma fina intuição humoristica : a espada e a balança, um cutello e dois pratos — a idéa de matar e a de comer, perfazendo-se, completando-se... E' a Justiça, em sua symbologia adoptada.

A interpretação é irreverente. Dir-se-ia inspirada em Cassandra e escripta por um nihilista sceptico.

Não se deve ir tão de face. Em Direito, explicar é, muitas vezes, simular; e definir é, em muitos casos, reticenciar abstracções...

Mas essa conjuncção de espada e pratos (e attenda-se a que a espada já traz os copos) significa que a Força é o fiel da balança do mundo, o regulador do equilibrio universal dos povos.

Não nos serve; portanto, o symbolo, aos pacifistas e sonhadores que ainda teimamos pela possibilidade de haver progresso sem sangue, autoridade sem relho e competencia sem dogma.

Nunca me aprouve o elogio da Força — nem como impostura de palavras ou de borrascas, ameaça gritante, ou tonitroante, nem, consequentemente, em manifestações positivas de dominio, oppressão, esmagamento.

Mesmo em philosophia, redoirada e ardente nos tresvairamentos rutilantes de Nietzsche, a Força não consegue seduzir-me para o seu culto. Lembra-me que alguem, em França, chamou a essa nova philosophia uma verdadeira doutrina de *apaches* — theoria philosophica a que se abroquélam os trogloditas redivivos, hystericos de mando, prussianizados e arrogantes.

Aos principios *fortiolatricos* de Maximiliano Harden, já tão sabidos e divulgados, segundo os quaes o roble deve crescer e subir, sacrificando, embora, as arvores vizinhas, opponho, para o meu uso pessoal, a contestação irreplicavel da palmeira, que sóbe, cresce e se destaca, serenamente, verticalmente, na cidade, ou no deserto, na planicie, ou no outeiro, sem despovoar a selva, sem excluir as outras árvores, sem impôr sacrificios nem restricções.

Fique-se Harden com o seu roble, que é forte. Ficarei com a palmeira, que é edificante e parece

estatuir a Perfeição, na monotonia rectilinea da sua serenidade.

Eu só entendo a Força, quando offerece motivos de belleza. Força que vem da saúde, do equilibrio, da harmonia : força vinda da união, sem obrigar a uniões involuntarias, porque só da união intuitiva resulta a força verdadeira e effectiva. Força pretectora que não impõe a sua protecção — força protectoral do carvalho, que ampara as hervas tenras, abriga os seres frageis, defende as mattas, resguarda os rios, espalha as sombras e exalta a Vida, sem os forçar a esse abrigo, a esse amparo, a essa defeza.

Elogiar a força, o poder cego da maior massa contra a menor, é exhortar ao retorno, descaminhar, regredir.

Não obstante, ha por ahi vozes em côro, prégando-a como necessidade, firmando-a, como instituição.

Organizada, annos e annos, á sombra da Industria e da Sciencia, ella se apparelha e se mobiliza contra a estabilidade do mundo, despovoando-o, retalhando-o, sobresaltando-o, esvasiando lares e enchendo trincheiras, antecóvas sinistras abertas no ubere campo, antes arado para receber sementes, cavado agora para receber cadaveres...

Fala-se que ha na guerra uma belleza e emoção caracteristicas. Essa belleza e emoção constituem um genero literario, a esthetica das batalhas.

A guerra moderna descáe, porém, do panegyrico.

Não ha esthetica possivel em guerra de ciladas e traições, guerra subrepticia, mascarada, em que os homens se entocam vivos e invernam nas tocaias da morte, numa existencia indigna de minhocas e saúvas.

Em outros tempos, a trincheira era uma especie de amurada de heróes, um paredão vivo, de resistencia, um caes de almas opposto á maré das invasões estrangeiras.

Conflagrada ultimamente a Europa, o sybaritismo militar (que outra coisa não são essas guerras commodistas em que o soldado em campanha se penteia, se barbeia e os generaes têm direito a banhos mornos), o commodismo sybarita creou a trincheira-armario, trincheira-despensa, trincheira-*toilette*.

E' verdade que, não raras vezes, invadida imprevistamente pelo inimigo, a galeria subterrea se agita, se inunda de sangue, se transforma humoristicamente em *lata de sardinhas*, com môlho de azeite rubro e massa de tomate de coágulos...

E' que a lucta corpo a corpo obriga a excessos de lotação no *appartement* improvisado, onde, no melhor da pugna, o estoiro de uma granada ou a deflagração subita da mina decide tragicamente a partida, sepultando invadidos e invasores na mesma *valla-commum* ingloria e estupida.

Sem discrepancia ao meu pacifismo despreoccupado e indifferente, eu não hesitaria em chamar *glorioso* ao feito historico de Bonaparte atravessando Arcole sob uma chuva de projécteis e ameaças, ou ao de Nelson, ferido e agonizante, com a victoria dos seus navios bordejando em torno da nau-capitanea.

Mas em nossos dias não se vê mais disso.

Napoleão teria preferido passar... por baixo da ponte, molhado e fresco, sem maior façanha. Caxias passaria Itororó, no bojo de um automovel protegido, coberto de ferros e couraças. Nelson teria morrido de indigestão, ou de apoplexia, num camarote confortadissimo, com ventiladores, leito fôfo, *edredon*, fronhas bordadas, etc.

A propria noção de *marchar*, que era, em outros tempos, ingenita da de armar-se, fardar-se, equipar-se, está hoje seriamente modificada.

Marchar era *andar militarmente* leguas e leguas, atravessando pantanos, varando florestas, subindo morros, vadeando abysmos, rasgando rios. Marchar era viajar para o incerto: viajar a pé, ás vezes, descalço, cortado de espinhos, tostado de sol, encharcado de chuva.

A nossa guerra com o Paraguay deve ter tido lances verdadeiramente épicos, situações verdadeiramente tragicas.

Que emocionante esthetica, a daquelles pelo-

tões de *beli-belhs*, fardados e rôtos, marchando para o desconhecido, com a patria no coração!

Na guerra de hoje, marchar... *est modus in rebus*. Em regra, o soldado embarca em excellentes trens blindados e lá se vae cantando, troçando, fumando e beberricando, até á estação proxima.

Não fosse o perigo, que ainda o ha, de morrer e, ás vezes, morrer em condições mais horriveis do que nas campanhas de outrora, não fosse esse inconveniente irremovivel, a guerra moderna seria um *pic-nic* divertido, posto que perigoso.

Os inglezes, pelo menos, assim o entendem e não esquecem levar á linha de fogo o seu cachimbo, a navalha de precisão e as bugigangas do *foot-party* e *lawn-tennis*.

Os francezes, durante a trégua, que é longa ás vezes, armam theatrinhos e *cabarets*, dão sessões de caricaturas e humorismo.

Russos e austriacos transformam ossadas e cabellagens em bandolins phantasticos e, na hora da folga, dão concertos deliciosos, obrigados a chocolate e torradas.

Os allemães prefeririam cantar um *Über alles* sonoro, regado á «champagne», no *boulevard*, mas, na peor hypothese, urram canções de mando, ao espumar dos *chopps*...

Esses convescotes encantadores, em que se compraz a bohemia militar da guerra moderna, são,

quasi sempre, coroados pelo duplo somno de Dyonisos e... da Morte.

São essas as novas mutações de Marte, padroeiro da Força apparelhada, a defeza movel dos povos, apoio da lei, razão da ordem, fundamento da justiça.

No dia em que a balança symbolica puder funccionar sem o cutello da Força, os homens serão mercadores pacatos e honestos: não roubarão no peso, nem cortarão no talho...

DIPLOMAS E PATENTES

OS DIPLOMAS scientificos, que tanto prestigio exercem nas classes médias e ainda mesmo nas classes altas da sociedade brasileira, têm baixado ultimamente em sua cotação moral e material, seguindo, dest'arte, o destino de outros titulos — acções, debentures e até apolices federaes, que, com a geral crise financeira, não são mais *ouro sonante*, sinão, apenas, dinheiro em ser, capital irrealizado, ou impedido de realizar-se...

Não ha ironia, nem achincalhe, em estabelecer parallelo entre letras mercantis e honorificas, titulos de credito, ou de saber.

Sou insuspeito em especie, ainda mesmo que, estudando-a *de meritis*, entrasse no julgamento uma bôa percentagem de sentimentos pessoaes.

Reservista de Themis, em cujo culto me graduei, com muita honradez e esforço, em época anterior ao Carnaval do Ensino, ainda vigente em alguns esta-

belecimentos, posso, sem constrangimento pessoal, depôr nesse volumoso processo comico, como testemunha neutra e impartícipe da partida final da grande feira.

Isto posto, não me parece haver melindre aos verdadeiros doutores, em aproximar os titulos academicos e os titulos da Bolsa, tanto mais que entre uns e outros ha uma relação commum de capital empregado.

Até 1900, ou pouco depois, um diploma scientifico poderia, a exemplo de uma acção bancaria, representar algum capital realizado, ou a realizar-se á vista : porque o tempo é tambem capital e os cinco ou seis annos de curso superior, adduzidos aos seis ou oito de curso preparatorio eram custeados a dinheiro (que os professores não vivem de ar) e todo esse dinheiro despendido era verdadeiro capital accumulado.

Além d'isso, o esforço. Um estudante de qualquer faculdade era alguem que, bem ou mal, fizera parcelladamente, perante mesas triplices, exames, um a um, de dez ou doze disciplinas, fiscalizadas pelo governo e entre si fiscalizadas por estudantes e professores.

E' certo que examinadores menos probos, conseguindo *vitalicializar-se* nas mesas de preparatorios, approvavam ás vezes, mantido o decôro das apparen-

cias, e á razão de 500$ por cabeça, ou por exame, rapazes de relativa indigencia mental.

Mas, admittido, para discutir, que formassem regra esses casos rarissimos, ainda assim aquelle systema se avantajava aos que lhe succederam, na vigencia dos quaes chegaram a ser vendidos, em collegios de notoriedade espectaculosa, *todos os exames de cada curso*, por empreitadas de 300$, pouco anteriormente ao regimen teuto-positivista da ex-Lei organica, a cuja sombra se fabricavam livres-profissionaes, por 60$... em prata falsa.

Desse confronto de «valores» teria resultado que, no tempo dos preparatorios, o commercio do Ensino havia de, pelo menos, ter sido mais *aristocratico*, porque mais exigente e carissimo, e visto que só uma insignificante minoria teria podido subornar examinadores e custear exames a 500$ por certidão.

A verdade, porém, é que naquella época (1900-1910) ainda havia barreiras a vencer para a desmoralização franca.

A chamada bacchanal dos *equiparados*, que era um mal e dos mais desastrosos, foi, para compensar, um mal, regulado a prazos certos... O candidato á compra tinha que esperar de tres a cinco annos de *estudos* (sic), antes de embolsar o recibo, ou passe de ingresso para as academias.

Foi esse o pequeno óbice que a formidolosa reforma organica mandava remover, substituindo-o

por uma convencional revista á porta, um perfunctorio exame vestibular, a pretexto do qual se fundaram algumas arapucas de adaptação, addendas ás faculdades...

Essas coisas vieram desprestigiar e depreciar sensivelmente os diplomas scientificos.

Póde-se dizer que, abaixo delles, só ficam actualmente as patentes da Guarda Nacional.

Mas o que, em tudo isso, sobreleva em anomalia e curiosidade, é que muitos cidadãos, alguns respeitaveis e até significativos, se fazem chamar, ou se deixam chamar *doutores*, sem que o sejam e, nessa lassidão de quer-não-quer e é-não-é, vão acabando doutores... por direito consuetudinario...

E' que nem todos têm a hombridade de conhecido jornalista, redactor-chefe de um dos nossos diarios mais prestigiosos. Doutorado, por engano, numa exegese amiga, o escriptor se apressou em declarar que não possuia o titulo e jamais fôra além do curso do Collegio Militar, de onde nem trouxera as insignias de general infantil, porque, adolescente, se entregára a outros destinos, nos quaes é hoje official completo, com um brilhante curso das tres armas — a literatura, o jornalismo e a politica.

Outros, porém, vão deixando no tinteiro o seu desmentido, de sorte que, ha dez e vinte annos, e ás vezes, por toda a vida, são bachareis... por engano.

a despeito de nunca se haverem perdido numa academia official, ou livre, fiscalizada, ou electrica.

O que d'ahi se infere, é que ainda não estão completamente desvalorizados os bacharelatos e doutoramentos : servem ainda de vehiculo a vaidades insopitaveis e de mostruario a fraquezas de espirito, de caracter.

Si se quizesse organizar em nossa melhor sociedade uma tabella desses diplomas, far-se-ia um abundante rór de doutores simulados, doutores comprados e doutores arrendados ou, mais consentaneamente com a tabella a organizar, formar-se-iam tres classes doutoraes, a dos togados (os verdadeiros) ; a dos *travestis* (doutores de rótulo) e os *mitrados*, ou doutores aventureiros e vigaristas...

Poder-se-ia citar muitos nomes. Mas a demonstração pareceria, talvez, retaliação.

E ainda ha outra classe de cidadãos, que não são, nem se dizem bachareis, mas que verdadeiramente são doutores — doutores no melhor sentido, e que, pelo largo exercicio que têm tido em profissões scientificas, deveriam ser excepcionalmente doutorados pelos poderes publicos.

Pois não ha os generalatos honorarios, afim de galardoar alguns homens de guerra que,por excepção, deixaram de seguir a carreira militar ?

Seria bem justa a creação de um bacharelato nacional de notaveis, afim de evitar que homens de

reconhecido saber juridico (como, notoriamente, um dos mais esclarecidos dos nossos magistrados), sejam compellidos a procurar fóra do paiz o diploma a que têm direito, por seu saber e tirocinio.

Nem, por outro lado, ficaria bem á dignidade de homens que a opinião nacional sagrou mestres, descer aos bancos academicos e submetter-se aos velhos processos escolares para a acquisição de um titulo cujo prestigio é cada vez mais instavel e cujo valor ha de ajustar-se, em breve, ao de capitão da Roça . . .

Em todo o caso, deve-se lembrar a esses esculapios e justinianos mascarados o *Cesari, quod Cesaris*, que é uma das formulas variantes do *sui cuique tribuere.*

—Porque nada assenta melhor a uma cabeça regia do que a respectiva corôa. Collocal-a, por exemplo, na cabeça de um garoto, seria reduzil-a a bandeja de balas, ou rodilha de carregador. . .

# O DESTINO DAS FLORES

DIZER que todas as coisas vieram ao mundo, ou com o mundo surgiram, para um destino certo e prefixado, não é positivamente uma novidade.

Mas, das velharias sabidas e julgadas, deve-se ao menos considerar que é essa uma velharia elegante, porque envolve bôa porção de determinismo e póde dar margem a uma conferencia de esoterismo ou a um estudo de philosophia.

Sabido, assim, que todas as coisas são predestinadas a uma funcção propria e vêm selladas e consignadas pelo destino a determinados fins, fica naturalmente entendido que tambem as flores participam dessa fatalidade.

E não ha discrepar da lei soberana. Aguas do rio, pedras da estrada, postes da rua, jazem ou correm, segundo o seu destino de actividade ou inercia.

As flores, por exemplo, dão capitulo especial á

botanica, á sociologia mundana e á economia commercial. O seu destino interessa aos naturalistas, aos mestres de *Cotillon* e aos mercadores-floreiros.

Não seria, portanto, despropositado fazer um largo inquerito a respeito do que está ao alcance de todas as opiniões.

Os poetas abster-se-iam, provavelmente, de opinar e cingir-se-iam a endossar os versos de Malherbe :

*Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses*
*— l'espace d'un matin.*

E isso valeria dizer que o destino das flores é desabrochar em perfume e frescura, ahi pelas cinco da manhan, e desmaiar, em desfolhos crestados, por volta do meio-dia.

Essa condição de brevidade, — tão obrigatoria, que ao qualificativo *ephemero* ha um adjuncto fatal — *como as flores*, — constitue um serio aborrecimento para os floristas da praça, no desejo dos quaes as flores durariam, pelo menos um mez, sempre frescas e cheirosas, para seducção de olhar e olfacto, e lucro certo da sua bolsa.

Mas o povo, na sua profunda sabedoria anonyma, deu já a ultima palavra ao assumpto. Todo o destino floral está na celebre redondilha da musa

popular, filtrada por Mello Moraes e em que se crystalliza a universalidade dos juizos que interessam ao destino dessas encantadoras princezitas do Reino... vegetal :

*Até nas flores se encontra*
*A differença da sorte.*
*Umas enfeitam a vida,*
*Outras enfeitam a morte.*

Foi precisamente essa differença, por iniqua e disparatada, que me suggeriu algumas considerações ligeiras, no teôr das que vou exprimir.

Não sei por que associar as flores aos defunctos, em geral, indistinctamente, e em quaesquer circumstancias que se lhes tenha produzido a morte.

Comprehende-se perfeitamente que virgens, crianças e os heróes arrebatados á juvenilidade da sua gloria, gosem a homenagem mortuaria de baixar á terra entre as flores, que tão bem assignalam a juventude e a nupcialidade da natureza.

Comprehende-se mesmo o ajardinamento das necrópoles, em homenagem cultual e abstracta á vida subjectiva.

Mas a pratica de enfeitar indistinctamente todos os defunctos e devolvêl-os ajaezados desses ornamentos encantadores, á terra, que possivelmente

deslustraram, tem occasionado muitas vezes verdadeiras profanações, ou, pelo menos manifestações absurdas de máo gosto.

O costume de enfeitar os cadaveres de virgens e das mulheres em geral é simples e intuitivo.

Na vida ha uma forçosa relação entre as rosas e as donzellas.

E' até bem possivel que a primeira noção de arte nos tenha vindo desse parallelo felicissimo.

Por isso, já se firmou que o primeiro homem a comparar a mulher a uma flôr foi o maior poeta do planeta, bem assim que deve ter sido um bom idiota o segundo *descobridor* da interessante analogia.

Essa associação entre o que ha de mais bello no mundo phytologico e no mundo zoóico, parece, entretanto, menos creação de homens do que determinação superior da natureza.

Tanto que é quasi instinctivo o carinhoso amor das mulheres pelas flores, ao passo que não são raros os homens de todo indifferentes a cravos, violetas e camelias, desapercebendo-se até de que umas flores são aromaticas e outras, inodóras.

Assim, uma vez que as mulheres firmam na vida, por seu affecto e por seu zelo constante, esse parallelismo e solidariedade com as flores, nada mais natural do que tambem se lhes associarem na morte.

Casos ha, porém, disparatados e ridiculos. E

hão de dar-me confirmação os que tenham «velado corpo», em circumstancias especiaes.

O aroma das rosas e dos lirios, de mistura com o da carne velha em decomposição, carne longamente trabalhada por molestias prosaicas e canseiras, é das coisas mais desagradaveis que se possam imaginar.

Muita vez, é um cadaver de homem que teve, em vida, negocios turvos e amores suspeitos, um homem para quem as mulheres não tenham sido sinão um pobre objecto de necessidades physiologicas, e as flores, uma faceirice de arvores maninhas, que as mulheres adoram e os poetas exaltam.

Morre um individuo desses, naturalmente com uma valiosa herança, resultante daquelles negocios mysteriosos, e é fatal que sobre a carcassa nauseabunda se accumulem verdadeiras toneladas de rosas e angelicas, tresandando com a carne podre e os desinfectantes previamente espalhados em derredor...

E nesse mesmo dia, ou no dia seguinte, lá se irá para o cemiterio, em carro de 1ª. classe, com palafreneiros doirados e acompanhamento principesco, o sinistro acérvo de cellulas frouxas, de cambulhada com as tristes rosas e os lirios desditosos.

E' como se pratica, ha seculos. E ninguem protesta contra o ridiculo dessas convenções inexpressivas. E ninguem se lembra de que as mesmas ro-

sas que ali vão amassadas e apodrecidas, poderiam sorrir em nossas jarras, rescender em nossos canteiros, encantar-nos e seduzir-nos, no collo offegante das mulheres moças.

Porque, na vida ou na morte, o destino das flores deve ser festivo e glorioso. Uma coisa é enfeitar carnes púberes ; outra, disfarçar carnes podres.

Nem se diga que ha nisso uma parte de culto aos mortos. O culto aos mortos é de uma celebração todo subjectiva.

E a propria necessidade social de bajular defunctos ricos poderá encontrar para o seu rito uma formula mais decente, ou mais consentanea com a dignidade das flores.

E' a de reservar para a «missa de setimo» todas as grinaldas naturaes, todos os festões, todos os ramalhetes que se teriam mandado á camara-ardente, e, dess'arte, transformar o altar, e todo o templo, no dia da officiação, em verdadeiro templo... de Flora, perfumado e aprazivel, em homenagem ao defuncto, aos deuses e, principalmente, aos pobres mortaes obrigados a esses espectaculos dolorosos e commoventes...

# HEROES EPHEMEROS

ROYAL Sidney, o «homem da rodinha», é um rapaz imberbe, de rosto murcho e rubicundo, *yankee*, ou inglez, de apparencia ao menos, sinão de nacionalidade.

Appareceu por aqui, ha alguns annos, fazendo em plena Avenida, com o seu calção verde e o seu *boléro* rubro, verdadeiros prodigios de unicyclismo e entrou desde logo a integrar a lista das coisas institucionaes da cidade, com o cognome de «o homem da rodinha».

Tornou-se, dess'arte, uma individualidade focal, um legitimo heróe, já não direi no sentido carlyleano, mas do ponto de vista mercurial, ou seja o da utilidade mercantil de vulgarizar fabricantes e productos.

Data dessa mesma época a apparição do seu rival e collega, cujo supposto desapparecimento tanto andou, mais tarde, interessando á policia, aos jornaes e aos caçadores de escandalo.

Em 1913, um *Sidney* brasileiro, o adolescente Nilo, cujo nome tambem esteve em fóco, desafiou o *yankee* para um cotejo.

Suppoz-se a principio que não seria bem um duello cyclico : o anglo-americano correria no monocyclo e o nosso patricio correria com os proprios pés. Seria, portanto, uma vertiginosa corrida *cyclo-pédica.* E' claro que aos trocistas do momento não escapou a malabarice verbal da expressão...

Não sei si chegou a haver o ajuste e, menos, si coube a qualquer dos rivaes a *ceinture d'or* monocyclear.

O certo é que Royal Sidney continuou pela Avenida a exhibir o seu calção, a sua jaqueta, os seus annuncios, as suas diabruras de prestidigitação... pedestre.

Era um novo despórte, cumulando e interessando na geral plethora desportiva que é hoje o Brasil. Era o *sport* da Propaganda.

E foi naturalmente acolhido, mesmo porque tudo hoje se inclina a acabar ou em chalaça, ou em desportividade.

Não sou, aliás, dos que se interessam por qualquer dos generos — páreos, *matches*, touradas, duellos.

O desporto, como por ahi se pratica, com uma enscenação espectaculosa, a descambar em querellas de circo, com partidos e palpites, como nos centros de jogatina, é pouco menos que vadiagem ele-

gante, especie de corrupção asexual, eunucheana, em que os homens não se medem como forças varonis, sim como forças animalares.

A propria aviação — corruptéla desportiva da aeronautica — não é sinão uma etapa mais alta, vencida por essa desastrosa tendencia de fechar escolas, para abrir *stands*...

Nessa ordem de considerações, basta dizer que Dumont, Severo, os Wright, que amargaram longas vigilias na resolução do problema aeronautico, são, por assim dizer, nomes archivados, glorias murchas; ao passo que os Dénaus, os Garros, os Edús, que não contribuiram com uma idéa, ou com um parafuso, para o exito da descoberta, são hoje os nomes verdadeiramente acclamados, os nomes do dia...

E' que a Aviação — *sport* aeronautico — relegou para segundo plano a Aeronautica — a sciencia de aeronavegar.

E' que o aventurismo elegante se vae sobrepondo ao trabalho consciente e á persistencia esclarecida. Deneau apagou Dumont.

O arrojo aventureiro offuscou o sacerdocio abnegado.

E tanto a sciencia e o trabalho se vão corrompendo ou degenerando para essa theatralidade desportiva, que, já antes da guerra, a que a aviação prestou elementos novos, era ella o exercicio em moda,

mais que a automobilistica e a equitação e mais que, no mundo moral, a «gigolotagem»...

Por isso admirei sempre esse Royal Sidney, que andava alegre em sua «rodinha», de calção verde e jaléco vermelho. O seu *sport*, si assim fica bem chamar á sua perigosa gymnastica volante, é um *sport* de ganha-pão.

Elle faz milagres de equilibrio, tem caprichos e requintes no seu *métier* de artista alipede.

A sua monocycleta é o mundo das suas preoccupações. E' della que elle tira os meios de subsistencia.

E que estheta que elle é! Quem o vê na rua; cavalgando a sua rodinha magica, não avalia propriamente a via-dolorosa de paciencia e tenacidade que teria mediado entre a sua iniciação e o seu apogeu.

Além disso, Royal Sidney é, entre nós, o precursor do *camélotismo* elegante e malabaristico. E', noutros termos, o industrializador do Sport.

Ao seu exemplo fructifero, appareceram outros especimens em nossas ruas.

Actualmente, o que vae mais em voga, é o desportismo oratorio, ou camelotismo verbalista, consistente em annunciar e vender, por discursos. O que mais grita e mais escandaliza — ahi está o melhor annunciante-*pétard*, o melhor *camelot* dialectico, o melhor Gambetta da eloquencia ambulante.

Tem-se desenvolvido nesses ultimos tempos a

nova profissão. E, á medida que se desenvolve, nacionaliza-se. Já ha na praça muitos *camelots* ethiopes, declamando com beiços de legua e meia as excellencias de umas marcas sobre outras, o programma dos theatros, o cardapio dos hoteis.

Alguns têm ido acabar á policia, depois de promover motins comicos com desfechos menos agradaveis.

Com Royal Sidney, nunca houve incidentes, a não ser o desafio do seu adolescente rival e o supposto desapparecimento deste, que a má fé policial ia attribuindo áquella rivalidade.

E não é de mais firmar-se definitivamente que semelhante rivalidade jamais existiu entre um e outro monocyclistas.

O Sidney brasileiro é discipulo e amigo do Sidney authentico. Reina entre os dois uma verdadeira harmonia de irmãos de alma.

E, agora que, com a crise e os effeitos da guerra, o Brasil, principalmente o Rio, regorgita de typos exoticos e as ruas se enchem de propagandistas, exploradores e desoccupados, apraz-me aureolar com esta prosa chilra e esta admiração espontanea e pura, os triumphos ambulantes do Camelot-estheta, o parnasiano da *Rodinha*, que era a gloria aligera da Avenida, reincarnação alegre de Mercurio, sem caduceu á mão, mas com dois pés prodigiosos, provendo a gyros magicos, manobras difficeis, rodopios vertiginosos.

SOLIDÃO E GRANDEZA

PÓDE-SE avaliar a profundeza de um espirito pelos seus habitos de silencio e reclusão. Assim, a melhor medida de um grande-homem é a sua capacidade de estar só.

A vida de agora é uma continua revolução sem ideal, nem objectivo, ou em que são tantos os ideaes e objectivos, que cada homem de per si é já uma revolução viva, bracejante, discursadora, demagogica.

Passar, incólume das marés, na ondulação permanente desse oceano; viver, solitario e fecundo, dentro desse motim constante; sentir e interpretar a Vida, surdo e alheio á rhetorica e á frivolidade dominantes — ahi está o grande-homem.

Mas entre os que, em nossos tempo, aspiram convictamente á força do genio (e, si a ella aspiram, é que a têm palpitante no seu seio), precisamente os mais evidentes e mais falados levam uma vida dispersiva de mundanismo e exhibições futeis, são ca-

botinos e janotas como o sr. Gabriel D'Annunzio, ou *sportmen*, physicultores joviaes e bulhentos, como o sr. Mauricio Maetterlinck...

Dir-se-ia que elles escapam á medida classica dos grandes-homens : não são cenobitas da Idéa, são antes, *commis-voyageurs* do Pensamento.

E a só enunciação desses dois nomes, que são dos mais grandemente significativos da espiritualidade creadora em nosso seculo, seria sufficiente para desarticular, em fundamento e expressão, o molde que se teria firmado para a anthropometria social dos homens superiores.

Mas não. E' do proprio genio mascarar com a desordem apparente o seu alto poder de harmonia e de ordem e aquella persistencia que triumpha de todos os obices, aquella paciente obstinação que é a chave de muitas maravilhas e a razão primaria dos melhores methodos de synthese ou de decomposição.

Os srs. Maetterlinck e D'Annunzio sabem naturalmente descontar ao seu horario de experiencias desportivas e evoluções chibantes uma ou duas horas diarias, em que se avistem silenciosamente com o seu genio, para o idyllio precursor das longas elaborações espirituaes.

Essa necessidade de silencio dispensa arrazoados novos. Não se animaram ainda a negal-a, nem mesmo os D'Annunzio, nenhum desses grandes artistas modernos que andam, no theatro da vida, che-

fiando a propria *claque*, com prejuizo, ás vezes, da pureza desejavel á sua arte e á sua gloria.

Mas ali mesmo, no sul da Europa, numa peninsula mais occidental, na parte que defrenta o Atlantico e de onde partiram as galeras missionarias do Anno da Revelação, andou o Genio vasando os seus dons magnificos.

Tambem em Portugal...

E' possivel que o grande poeta do Adriatico, senhor de uma lingua mais universalizada e desfructando, por isso, maiores e mais universaes «successos» se despreoccupe, se desaperceba da gloria pura dess'outro grande poeta, menos estardalhante, menos theatral que o verbalista divino de *La Nave*, mas sensivelmente mais profundo e mais nobre na sua fé e na confiança do seu destino. Refiro-me a Guerra Junqueiro.

Junqueiro é portuguez, é, portanto, quasi brasileiro. E' um poeta nosso.

Canta em nossa lingua, geme as nossas dôres, troveja as nossas iras, gorgeia, em clarim de ouro, os nossos enthusiasmos e deslumbramentos.

E, conforme conceito delle mesmo, os grandes-homens são como as grandes montanhas : devem ser vistos de longe.

Do ponto de vista idiomatico e ethnico, vemos Junqueiro muito de perto, e esse não é o melhor modo de vêr os grandes-homens.

Por isso, sempre nos parece exaggerado, quiçá desfructavel, citar um nome portuguez (á excepção de Camões, que já tem as virtudes de vinho antigo), na mesma altura dos grandes nomes universaes.

A ninguem escandaliza conceder as veneras de genio ao sr. D'Annunzio, ou ao sr. Maetterlinck, cujos livros, cujos versos não são desentranhados e vendidos a 100 rs. por folheto, ali, na banqueta do lustrador napolitano. Chamar, porém, genial a um escriptor brasileiro, ou a um poeta portuguez, cujas estrophes são tão faceis que a gente decóra e até os caixeiros recitam, isso é positivamente um desafôro, no entender dos chronistas *snobs*.

E, entretanto, Junqueiro é um homem de genio.

E, com ser um cidadão illuminado pelo genio, elle está perfeitamente na regra classica: pode-se aferir o seu valor de espirito, pela sua capacidade de estar só.

Todo homem celebre tem que supportar, como imposto dessa celebridade, um appendice falso á sua vida verdadeira. Os seus actos fazem a sua historia. O éco desses actos, exaggerado, ou pervertido, lhes dá uma lenda prévia, a que chamarei o seu anecdotario.

Da mocidade de Junqueiro dizem-se coisas phantasticas. Era, ao mesmo tempo, revolucionario e *dandy* e poderia, com a mesma penna e sem quebra de linha, ter, aos vinte e cinco annos redigido a *Terra Livre* ou o *Binoculo*.

Namorador e alegre, tinha elle, por força, bôa saude e bom appetite, pelo que, sem jamáis ter sido glutão ou bohemio de tascas, deixou nas confeitarias elegantes uma tradição chistosa de gulodice.

Essa época do seu anecdotario coincide com a phase literaria da *Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno*, aquella casamata terrivel, de onde, na autocritica do poeta, partiram contra o coração dos preconceitos as suas «cincoenta balas de artilharia».

Mas o Junqueiro, homem de genio, declamando intuições divinas, transpirando e respirando genialidade para os novos ritos da arte humana e universal, não é propriamente o da *Morte de D. João*, como não é ainda o da *Patria !*, nem ainda, aquelle prodigioso lyrico da *Musa em férias*.

Nos livros da sua mocidade palpita, sem duvida, a alma de genial poeta portuguez, inflammado das transitorias agitações do mundo e da sua patria.

O prologo do *D. João* trazia já então um vivo cheiro de eternidade. Mas só aos cincoenta annos, precocemente ancianizado o poeta, crystallizou sua alma no ultimo grau de pureza os esplendores da sua força creadora.

Nos seus chamados «ensaios espirituaes», as *Orações* ao *Pão* e á *Luz*, é que o moderno Mago verdadeiramente se agiganta, se transfronteiriza e se mostra o artista do genio, sem os limites convencionaes da patria e da lingua.

O que tem D'Annunzio, em theatralidade e potencialidade verbalistica, tem Junqueiro, em extase puro e profundidade religiosa.

Um fez todos os estagios necessarios para a evolução do orador, em actor, em fascinador, magnetizador. No outro, a evolução é differente: veio da gargalhada á apostrophe, da apostrophe á exegese, do pensamento e do sentimento á intuição e á prece: O ironista fez-se pensador, e o pensador se fez monge.

A natureza physica do poeta lhe acompanhou a evolução moral.

Junqueiro é hoje physicamente uma entidade biblica, com umas longas barbas mosaicas e uma larga cabeça de propheta, e toda a physionomia santificada daquelle ar doce de Tolstoi. Em Junqueiro, ha, talvez, menor doçura e maior gravidade.

De bôa fé, já não é possivel negar que em Guerra Junqueiro ha um homem predestinado.

E, á medida que o seu genio se intensifica e se purifica, vae augmentando a sua capacidade de solidão e silencio.

Nestes ultimos tempos, o poeta nada tem publicado. Não obstante, a impressão de todos é que elle é cada vez maior.

Duas phrases que profira, uma palavra que articule, um gesto que esboce vagamente, tem o prestigio de convencer-nos e transportar-nos.

E, com o seu genio, cresce a sua bondade, a sua condescendencia, o seu admiravel optimismo.

Já não expulsa os vendilhões do templo: acolhe-os, supporta-os, perdôa-os, edifica-os — evangeliza, mais pela sua attitude do que pela sua eloquencia, purificada nos silencios da velhice.

Junqueiro apparece, aqui e ali, nas evoluções da politica portugueza. Entretanto, sente-se que na politica, ou no maior torvelim da vida social, elle está sempre só...

Dos seus processos de escrever disse elle mesmo, ha alguns annos, numa entrevista a *Os Serões*.

Escreve andando. Escrever quer dizer, nesse caso, conceber, elaborar o pensamento. O poeta sáe, sempre só, pelos campos, filtrando a luz e haurindo o ar limpido. Os seus passos rythmam os futuros versos. As suas paradas indicam as reticencias...

De raro em raro, apparece nas ruas. Cercam-no jornalistas avidos e *objectivas* inquietas.

Nesses momentos, cercado dos frivolos representantes da sociedade moderna, febricitante e innócua, Junqueiro, mais do que nunca, está só...

Elle dignifica bem o aphorismo nietzscheano, já entrevisto pelos benedictinos da medievalidade: — o Grande é o Só.

Para melhor esclarecimento á symbolização, convém precisar taxativamente que o novel brocardo não tem reciproca. Dizer que o Grande é o Só,

não é insinuar que os neurasthenicos e os *spleeneticos* são legitimos candidatos á grandeza da Immortalidade.

Sem o verdadeiro equilibrio do sentido, o aphorismo acarretaria muitos desequilibrios pessoaes.

Porque a preoccupação de ser grande, ou parecer ao menos, levaria toda a gente a isolar-se, a encerrar-se no quarto a sete chaves, sem beber, sem comer, confiante naquelle fabuloso milagre do *estouro* que teria transformado o cerebro ôco de um menino tardo, na cerebração poderosa de Antonio Vieira, o padre...

# ROSA E MURTA

PLATÃO mandava coroar de rosas os poetas e expulsal-os da Republica.

Não entrevira o mestre grego, pae de uma philosophia e architecto de um systema, que a sua phraseação innocente e bella havia de influenciar, mais tarde, os republicanos brasileiros...

De entre esses, não é raro o que expulse do governo e da politica os poetas mais bem dotados de patriotismo e bôas intenções, sem mesmo lhes conceder as rosas consoladoras do philosopho.

Em geral, os estadistas não querem saber que os poetas, fóra da sua torre e do seu horario ideologico, são homens de carne e osso, como os outros, efficientes ou inuteis, honestos ou velhacos, emprehendedores ou preguiçosos. E, por isso, preferem aos *poetas*, ainda que homens praticos — os *patetas*, ainda que eunuchos e indigentes de qualquer capacidade.

Mas, si o velho pensador hellenico tentasse applicar seriamente a doutrina ao mundo coévo, e principalmente ao nosso paiz, teria, agora que a morte, ao serviço da guerra, vae serenamente realizando o postulado economico de Malthus, teria despovoado o planeta e, por maior motivo, o Brasil...

Coroar os nossos poetas e expulsal-os da republica!... a elles, que a evangelizaram, nas tertulias de ha seculo, em «lyras» e epigrammas, e posteriormente, ha alguns lustros, em temerarios artigos de combate!...

Expulsal-os... Mas, dia a dia, se repete, nem sempre com razão, que somos um povo manso «de poetas». E Platão não teria vindo aconselhar-nos ao despovoamento geral, do solo...

Occorre, porém, perguntar si é o Brasil realmente, ou si é mais que os outros, um paiz de poetas.

Parece-me, ao contrario, que já é tempo de desfazer essa *phrase-feita*, diariamente matraqueada pelos jornaes, ora, com emphase, ora, por desanimo.

Um povo de poetas é o que, no bom sentido, ainda infelizmente não somos.

Deve o Brasil consolar-se com ser, por emquanto, *essencialmente agricola*, porque é ainda muito discutivel sejamos «essencialmente poeticos».

Quando se diz sermos nação de poetas, povo de idealistas, não se tem em mira o criterio intimo, psychico, ethnogenico, sinão, unicamente, o valor

numerico, estatistico, oriundo de apparencias incertas e computos apressados.

A circumstancia de ter a Providencia posto á frente da nossa espiritualidade rachitica um apreciavel estado-maior de pensadores e poetas, não autoriza a considerar-nos um grande viveiro intellectual de illuminados e ideadores.

A affirmação generica, e assim proverbial, da nossa maravilhosa fecundidade animica oscilla entre paspalhice e puerilidade.

Sabe-se que a arte, na definição de Ruskin e no consenso geral dos que têm bôas leituras e bom gosto, é a faculdade de comprehender, interpretar e exaltar a Natureza.

Dizer assim de ARTE, importa dizêl-o de POESIA, que é o *substractum* de todas as artes.

Ora, os poetas, os nossos poetas, cujo numero infinito tanto encarecemos nas horas de bom humor, quanto lastimamos nas horas de biliosidade, não se comprazem, sinão excepcionalmente, na celebração da Natureza e na exegese dos seus elementos de harmonia, proporção, equilibrio, belleza, em summa.

Para honra da firma, isto é, para gloria da raça, não desmerecem do conceito ruskineano os ultimos poemas dos srs. Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e Olavo Bilac e de alguns novos que vão apparecendo e cantando.

Infelizmente, poetas desse estofo, não ha talvez dezena.

Os outros versejam por ahi libidinagens hystericas e destempêros lunaticos, ou transformam o tórculo de Apollo em moenda de caldo de canna, rimando ternuras frivolas e desdens tragicos.

Entretanto, a natureza e a vida offerecem, no Brasil, espectaculos dos mais suggestionantes. Não é preciso dizer no Brasil — direi, antes, no Rio de Janeiro, que é um inexgottavel bebedouro natural de arte.

Temos ahi essa maravilha que é a Guanabara, desdobrando-se em angras e enseadas ; essa munificencia geo-oceanica — Ipanema ; essa encantadora selva civilizada, esse presepio de arvores e montes — a Tijuca. Temos o monte, temos a arvore, temos o mar. A synthese e a analyse : a belleza parcial dos recantos e a opulencia panoramica do conjuncto.

Quantas vezes, pergunto agora, quantas vezes se terão visto os nossos poetas, que correm por milheiros e não chegam a duzias, persignar-se e extasiar-se diante desses espectaculos de solemnidade e belleza, em que tudo é revelação para os olhos e purificação para o espirito ?

Nesses grandes descortinos contemplativos, para os quaes o Rio é a cidade por excellencia, porque consorcia admiravelmente á natureza a civilização, só encontram, ao que parece, verdadeiros mo-

tivos de *poesia* os inglezes fleugmaticos, de cachimbo e binoculo, os *touristes* em geral e alguns diplomatas *blasés*, saturados do can-can europeu e do snobismo petropolitano.

Os poetas, os nossos *innumeros* poetas, os dois terços da população, como seria de desejar e calcular, ficam pela Avenida, nos cafés, nas casas de bebedeira, nos prostibulos dourados, nos centros de tavolagem...

Poeta, no ritual ruskineano, foi, mais de uma vez, Castro Alves. Em Gonçalves Dias, entretanto, ha mais localismo do que naturismo. Nem sempre quiz o grande indianista interpretar o espectaculo maravilhoso e a contemplação religiosa da alma: preferiu geralmente cantar em bastidores pobres, ou em scenarios de «amenos verdores», o actor obscuro e insignificativo — o indio — e com elle sambar, no meio do matto, entre os mosquitos, as cobras e os macacos.

Chamam-lhe, talvez por isso, o grande poeta nacional, titulo que melhor assentaria em Castro Alves, sem demerito, aliás, para o vate maranhense, creador de bellezas puras, como as «sextilhas» e o «Ainda uma vez, adeus!»

Já se firmou, porém, que Gonçalves Dias é o poeta nacional. Essa preoccupação de arte *nacional*, pensamento *nacional*, tão em moda agora nas Letras,

dá-me impressão comparavel á de ver a assembléa de Haya funccionando em... Sapopemba.

Nacionalidade sem tradicionalidade não póde ser elemento de arte...

Como quer que seja, a gloria *nacional* já se habilita a arrolar dez ou doze poetas dignos desse nome.

Mas, si dez ou doze poetas pódem fazer a gloria de um povo, não pódem abonar a affirmação de ser esse povo um exercito de poetas.

Uma coisa é isso, outra, a mania de todo mundo querer ser literato...

Em cada esquina, se encontram dois ou tres rapazes, amarellos e esgrouvinhados, com a cabellagem farta a derramar nos hombros estendaes de caspa.

No Brasil, todos se dizem, poetas, como — ainda mais — se dizem oradores, curandeiros, bachareis...

Quantos medicos haverá no paiz, entre diplomados e charlatães ? Quantos advogados, entre bachareis-parasitas e rabulas-militantes ?

Não ha de o numero dos poetas exceder ao dos doutores sem doentes e ao dos causidicos sem causas.

E' verdade que em cada festa a que compareçamos, ha um ou dois «poetas», promptos a recitar na sala. Mas, para derrotal-os estatisticamente, ha cinco ou seis *oradores* municiados para os brindes de sobremesa.

Uns e outros (não cabem na lista os verdadeiros

poetas e oradores, cada vez mais raros) representam apenas o obsessivo desejo de apparecer. E' um dos symptomas da pernosticidade nacional.

O que ha por ahi, é muita jactancia. E ainda é bem quando a jactancia não envolve exploração, burla, ou fraude.

Ha tanta gente que se diz *jornalista* para fingir profissão ; que se diz *supplente* para entrar nos theatros ; que se diz *orador*, para figurar nos comicios ; que se diz *patriota*, para ganhar avisos-reservados...

Que mal póde haver em que alguns moços ingenuos se annunciem poetas, sem o ser, para chamar attenção aos transeuntes e obter sorrisos ás meninas romanticas ?

Ao contrario, é um bem. Antes realmente houvesse a declamada abundancia de poetas. Porque os máos serviriam de *repoussoir* aos bons, bem assim que nos ramalhetes a murta escura dá maior graça ás rosas candidas.

# METRO E... METRO

AOS que procuram alliar nos homens ás qualidades de imaginação creadora as de iniciativa pratica, unindo-as e fraternizando-as para a intensa lucta permanente que é a vida em sociedade, depara-se uma medida intuitiva e simples para a alliança desejada : — o metro.

Bem assim que entre os homens de negocios a vigente systematização de pesos e medidas veio conter o excesso aos mais espertos e regular o escrupulo aos mais gananciosos, trouxe-nos, igualmente, a possibilidade de reunir sob o mesmo symbolo creaturas das mais differentes vocações, sinão mesmo de vocações antitheticas.

Entre os homens praticos — commerciantes e industriaes — ha uma unidade basilar de calculo : o metro. Entre os homens de imaginação, notadamente os poetas, ha essa mesma unidade mensural, o metro.

A questão é de circumstancias e sentidos. Ha metro e metro. Uns medem proveitos e vantagens, outros medem almas e consciencias. Medem-se estopas e sedas. Medem-se idéas e surtos, medem-se versos...

Ahi está a medida de coincidencia, o ponto de intersecção, a encruzilhada de harmonia, o symbolo de congraçamento.

Os extremos se tocam... Pódem arvorar o mesmo estandarte negociantes e sonhadores...

E é precisamente na intellectualidade luso-brasileira que mais se accentúa essa aproximação.

Não vou arrolar, para isso, argumentos de ordem historica, ou de observação social generalizada.

Nem mesmo me deterei na circumstancia facilmente verificavel, de serem, muitas vezes, os homens do commercio, pelo menos a classe média da esphera commercial, os leitores mais certos e mais attentos de que dispõem os romancistas e poetas, principalmente os nossos escriptores romanticos, dados os logares de honra a Alencar e Castro Alves, aquelle adolescente vibrante que molhava a penna, ora em ouro fervente, ora em favos de mel virgem.

Nem mesmo assignalarei que muitos dos mais espontaneos e suaves sonhadores de que se têm illustrado as letras brasileiras e portuguezas, têm feito estagio pelo balcão e pelos escriptorios commerciaes.

O que ha de mais interessante, é que nessa *apro-*

*ximação metronomica* de classes que, á primeira vista, parecem oppostas pelo objectivo de vida e pela propria attitude de existir, não ha sómente a «unidade metrica», mas tambem a unidade de «razão metrica».

Porque, si o nosso systema metrico commercial se caracteriza pela *razão décupla*, tambem a nossa metrologia literaria se caracteriza pela razão déca... decasyllabica.

De facto, o metro decasyllabo é a medida poetica essencialmente portugueza, o metro por excellencia, deduzido da indole da lingua e da sua harmonia intuitiva.

E, porque haja, actualmente, uma tendencia quasi victoriosa de encarecer o verso *alexandrino*, em detrimento do *decasyllabo*, occorre-me palestrar sobre esse velho assumpto, que, sem grave desproposito, bem poderia ser renovado como um capitulo novo de «metrologia comparada».

Os que emprestam ao alexandrino qualidades mais altas e mais profundas do que ao tradicional verso portuguez em cujo rythmo se pautou a epopéa dos *Lusiadas*, se esquecem de que antes do mais, summariamente, o decasyllabo se avantaja por essa virtude terminante : é *mais natural*. E, por mais natural, mais espontaneo.

Excelle por isso. O seu rythmo é de uma serena musicalidade. E' um rythmo precreado, nativo. O

*alexandrino* é artificial. E' claro que o artificio depende sempre da habilidade do artifice.

Nas mãos de um artista, a habilidade reunirá condições de belleza. Nas mãos de um tamanqueiro, o artificio será um *toc-toc* vulgar, desprovido de qualquer elemento de arte.

Citam-se alguns alexandrinos cuja belleza majestatica e solemne chega a desprestigiar, por momentos, a harmonia tradicional do decasyllabo.

Mas essa belleza não é materialmente da externidade metrica, sinão de um conjuncto de circumstancias em convergencia.

Primeiro, deve-se firmar que os versos valem principalmente pelos sentimentos e pelas idéas que os lastreiam.

Ora, sendo o alexandrino mais extenso que o dacasyllabo, poderá vehicular pensamentos maiores ou maior numero de conceitos.

Além d'isso, a propria extensão do verso facilita no percurso novas gymnasticas, de effeitos, não raro, impressionantes.

Ha alexandrinos que suggerem cortejos sumptuosos, marchas epicas, descarrilamentos tragicos.

Em ultima analyse: puro artificio—o que não quer dizer mingua de belleza, mas ausencia de naturalidade.

Avança-se, por isso, que a estructura do alexandrino é mais difficil que a do decasyllabo.

Effectivamente. E' mais difficil, porque artificiosa. O que lhe falta em intuição, sobra-lhe em aprendizagem.

No alexandrino ha mais «o que aprender» : mas sabe-se «como aprender» ; ao passo que o decasyllabo é mais intuitivo e divinatorio do que scientifico e profissional.

Esta, a differença.

Não seria difficil provar que a tão encarecida difficuldade do alexandrino fica ao alcance de qualquer.

A actualidade literaria offerece um robusto argumento estatistico : quasi todos os iniciantes começam alexandrinando... São alexandrinos martellados, monótonos, desoladores, mas, em todo caso, alexandrinos certos, na observancia de todos os canones metricos e rythmicos.

E a razão é simplicissima. O alexandrino é formado de dois sextisyllabos, e o sextisyllabo é o verso mais facil, mais sem exigencias, inferior ao chamado *verso popular*, o redondilho, o septisyllabo, favorito dos trovadores dos sertões e dos capadocios da cidade...

O *cavallo de batalha* dos alexandrinóphilos está na ligadura dos dois versos constitutivos do duodecasyllabico.

Mas esse famoso *nó-gordio*, a que os metrificadores chamam *cesura* e eu prefiro chamar *engate*, se

reduz a que o primeiro dos dois versos acabe em palavra oxytona, ou a que, acabando em paroxytono (nunca em esdruxulo), terminando por vogal, comece o segundo verso por outra vogal, ou *h*, de modo a se quebrarem as duas vogaes numa syllaba unica, que ficará sendo a cesura.

E', como se vê, pura questão de artificio. E esse artificio não está longe de ser um *truc*, pelo qual o poeta, embaraçado, á procura de uma rima difficil e arisca, teria recuado da difficuldade pela porta-falsa do alexandrino.

Vou fazer-me entender melhor.

Seja :

*Ai ! do infeliz que vive*
*Em perpetuo lazer,*
*Lembrando a patria, a gloria,*
*E o amor que vae perder...*

Na construcção dessa pequena estrophe o poeta, que, em nossos dias, não admitte rimas em branco, se vê em difficuldades para rimar aquelle *vive*. Sem sacrificio do seu pensamento, ali não caberá, para substituir *gloria*, um *captive* ou um *declive*...

A sahida mais facil é precisamente o alexandrino.

De que modo ?

Convertendo em dois os quatro versos da estrophe.

E assim teremos :

*Ai ! do infeliz que vive em perpetuo lazer,*
*Lembrando a patria, a gloria e o amor que vae perder.*

E teria, dess'arte, conseguido ladear uma difficuldade e transformar uma estrophe facil e corriqueira em alexandrinos, sinão primorosos, pelo menos correctos e orthodoxos.

Veja-se dahi o em que consiste a decantada technica do alexandrino, a que só os mestres se pódem aventurar...

A facilidade é tal, que os melhores poetas acharam de bom aviso variar de toada, para não baratear o metro. E crearam o alexandrino tricesurado, ou desprovido de cesura, como se vê nos seguintes exemplos :

1) *De céos em céos, de mar em mar, de mundo em mundo.*

Ou :

2) *Vae pelos campos, corre, vôa, sóbe e esváe-se.*

Estou que o decasyllabo é o verso proprio da lingua portugueza, o que não importa condemnar o

alexandrino, em cujos moldes já ha vasadas verdadeiras obras-primas.

Defendo, simplesmente, o decasyllabo da *capitis diminutio maxima* a que o querem submetter alexandrinistas impenitentes.

E reaffirmo que no decasyllabo a riqueza é propria, natural, ao passo que no duodecasyllabo é... emprestada, attendendo-se a que na sua constituição entraram dois versos preexistentes.

O alexandrino não é minereo nativo. E' uma liga, um processo.

D'ahi affirmar-se que é o verso de bronze.

Poder-se-ia retrucar que o decasyllabo é ouro.

Mas não vale a pena de retrucar. Vale, antes, a de contestar, e negar, visto que o bronze é caldeação de cobre e estanho, como a agua é harmonia de hydrogenio e oxygenio.

Ora, o alexandiino não é isso. Nem mesmo é uma refusão. E' méra juxtaposição de dois versos, para melhor encerrar um sentido que não caberia em menor estojo.

E a propria majestade, a gravidade do entono em que o verso duodecasyllabo é de admiravel opulencia rythmica, encontra no verso camoneano crystallizações riquissimas :

*Cesse tudo o que a antigua musa canta.*

*As armas e os barões assignalados.*

---

*Como um penedo junto a outro penedo.*

---

*Cantando espalharei por toda a parte.*

---

E nesse molde e nesse rythmo pódem abrolhar as impressões e expressões mais varias.

Ha nelle serenidade:

*A galharda conquista do teu beijo.*

---

*São pensamentos idos e vividos.*

---

Ha movimento:

*E rola e tomba e se espedaça e morre.*

---

*Estas, cantando; soluçando, aquellas.*

---

Indecisão, extasi emotivo :

*Surge tremula, tremula... Anoitece.*

---

*Curvo, a pescar a sua propria sombra.*

E além disso, o decasyllabo póde exprimir todas as ternuras, todas as tristezas, todas as siderações da alma, no absoluto do affecto, da saudade e da afflicção dolorosa.

Mas não é o lado subjectivo do verso que melhor o caracteriza do ponto de vista metrico. Tanto mais que até certo ponto se poderia dizer que o lado subjectivo vem da idéa e, não, da fórma; vem do poeta e, não, do verso.

Entretanto, a caçoula fica sempre impregnada do aroma que a povoou...

A nossa these é, restrictamente, a materialidade do verso.

E' precisamente sob esse aspecto que o decasyllabo, camoneano ou saphico, offerece dadivosas bellezas.

Taes são as suas marcas de naturalidade e espontaneidade que as suas regras são méros percalços de que raramente se servem os verdadeiros poetas.

Em vão, se distribuem tonicas e pausas. Ha de-

casyllabos insurrectos ás tonicas prefixadas, mas que resultam em harmonia e graça.

E isso é tão certo, que é possivel mesmo decompôl-os syllabicamente, em termos monosyllabos, ou inteiriçal-os numa palavra unica, e a musicalidade é sempre sonora e natural :

1) *A luz de sol se põe no céo, por fim...*

---

2) *Superinconstitucionalidade...*

---

Não devo occultar que algumas dessas virtudes são extensivas ao alexandrino.

Mas o alexandrino não as tem tão proprias, por isso que elle mesmo é uma justaposição de rythmos.

Não quero, aliás, firmar preferencias numa questão em que o acaso da idéa ou do assumpto é juiz inappellavel.

O que não merece o meu voto, é a tendencia de relegar para secundario plano o verso tradicional da lingua portugueza.

Os maiores poetas, a começar pelo grande Lyrico que declamou a epopéa da Raça, gorgeiam, ha seculos, no verso illustre.

E' claro que elles não *preferem* um metro a

outros, porque as grandes emoções se desapercebem de fôrmas e módulos e cantam ou soluçam no rythmo mais intuitivo ao estado commocional da alma.

Os verdadeiros poetas só têm preferencias pela belleza pura e pelo Ideal immaculado.

Mas é grandemente significativo que, em maioria sensivel, sinão evidente, esses ideaes e essas bellezas se ajustam serenamente ao decasyllabo, em cujo rythmo ha uma oscillação de berços, favoniados suavemente pelo offegar da innocencia e pela ternura dos acalantos maternos.

A REPUBLICA EM ATHENAS

NO TEMPO em que ainda se discutiam idéas literarias, philosophicas e politicas — doce tempo em que a virtude aristocratica da *intelligencia* sobrepairava aos valores democraticos da *habilidade*, e em que, antes de formar juizo, bom ou máo, sobre os livros, se procurava apurar si elles representavam esforços de autor ou espertezas de actor... nesse tempo auspicioso que, afinal, não vae muito longe ainda, houve uma *gaffe* quasi sensacional commettida por escriptor joven e sofrego, mas já coroado de dons magnificentes.

O escriptor era Fausto Cardoso, ensaista sergipano, — mais tarde professor de direito, philosopho, poeta e orador de notoriedade nacional.

Adolescente na vida e nas letras juridicas e philosophicas, Fausto annunciára, com a sua irrequietude caracteristica, haver descoberto a lei de repetição abreviada da Historia.

Era um verdadeiro sonho de poeta.

Mas Sylvio Roméro — o velho Sylvio hercúleo, que, na occasião, era o *espanta-patrulhas* da intellectualidade patria e, sem o prejuizo da sua falta de bom-gosto, foi o primeiro organizador da «taboa de valores» da nossa Literatura, troçou impiedosamente o novo descobridor e, sem grandes canseiras, provou que a lei de repetição era velho artigo negociado no mundo das idéas.

E Fausto, com amarga decepção aos seus enthusiasmos e profundo ensinamento ás suas philosophias, se teria convencido de que tudo se repete, até mesmo as descobertas literarias e culturaes...

Porque, de bôa fé e em pura consciencia, elle descobrira a lei. Ou, si a não descobrira, poderia têl-a descoberto — tantos e tão singulares foram os dotes do seu espirito peregrino, nababescamente desperdiçados numa vida de permanente desnorteio, carreando forças que não chegaram jamais a polarizar-se, mas que revelaram sempre um alto poder de creação e deslumbramento.

E' bem possivel que houvesse cabido ao proprio Fausto a *patente de invenção*, em especie. Si elle tivera nascido meio-seculo antes, poderia ser o formulador da lei.

Demais, essas encruzilhadas e convergencias já não são raras, nem surprehendentes, na esphera dos conhecimentos scientificos.

Mercê de uma dellas, se esbarraram uma vez, face a face, na mesma esquina do Pensamento dois sabios immorredouros — Darwin e Wallace.

As descobertas que a Historia registra, pódem inconscientemente, involuntariamente, repetir-se e renovar-se, como a Historia mesma se repete e se renova.

Essas repetições, fructos de coincidencias insignificativas, ou resultantes de determinismos imperiosos, têm tido, nos ultimos annos, exemplificações copiosas e interessantissimas.

Ainda não ha muito, com o rompimento turco-italico, anterior de mais de anno ao terrivel desequilibrio europeu, que é, em si mesmo, um caso de rebarbarização *transcyclica*, porque imprevista e, portanto, uma repetição da Historia — commentava um escriptor as primeiras hostilidades sob esta rúbrica bem assentada : — *Roma* versus *Bysancio.*

Era um exemplo novo de repetição, por antithese.

Nos primeiros seculos, foi o Oriente contra o Occidente (invasões de barbaros) e o Occidente contra o Oriente (Cruzadas).

Posteriormente, a consolidação nacional do Japão, com o seu triumpho militar sobre a Russia, pareceu aos historiadores a ameaça, proxima, do Oriente a desforrar-se...

Não se passava sinão um decennio, e já o Occi-

dente se voltava contra o Oriente : a Italia declarava guerra á Turquia.

A Historia se repete, passo a passo.

A Grecia de hoje só tem com a Grecia heroica a similitude dos contrastes. E' uma semelhança ás avessas.

Aquelle antigo nascedouro de sentimentos civicos e ideaes humanos é hoje, por assim dizer, uma Colonia cosmopolita, feira internacional de aventuras e interesses de toda casta.

Pullulam ali os syndicatos, as adaptações, os convencionalismos, todas as mercantilidades brutas da vida, em nossos dias.

Não é possivel divorcio mais extremado entre alma e corpo do que esse que se verifica entre a Hellade historica — estaleiro de heróes, estufa de artistas, jardim de bellezas — e aquella nesga peninsular de territorio, que ali jaz no sul da Europa, sob o pavor dos bulgaros e a ameaça constante dos turcos.

A Grecia de hoje é uma desolação : o contraste mais typico da velha Grecia gloriosa.

Sabe-se que em Salonica se estabeleceu grande contingente de forças franco-inglezas, sob cujas vistas os partidos hellenicos se agitam, se dissensionam, marcham e contramarcham, com movimentos de titeres.

Ha os germanóphilos ou constantinistas (o partido do rei) que exploram as ligações do soberano

com a casa de Berlim, e ha os venizellistas, ou alliados gregos, todos sympathicos á *Entente* e sofregos de quebrar a neutralidade official, para collocar-se ao lado da França e da Inglaterra.

Como se vê, o rei de Athenas já se não communica com Jupiter, ou Zeus. Communica-se directamente com Guilherme II, de quem recebe as senhas e a inspiração.

Por outro lado, o *Quai d'Orsay* véla com olhos propheticos...

Diz-se que uma das hypotheses já formuladas pelos alliados, com apoio nas tropas estacionadas na peninsula, é a da proclamação da Republica.

Ter-se-ia, dest'arte, quasi imprevistamente, como um episodio phantastico, a volta ao apogeu:

A republica em Athenas. E' positivamente o milagre, o inverosimil. E' o retorno cyclico á éra immortal de Pericles.

E' a Historia repetida. E' o renascimento dos titans, é a volta dos deuses.

A caducidade dos povos suggere as previsões mais desencontradas.

Parece-nos sempre que as antigas patrias pluriseculares são condemnadas, por seu destino, ao desapparecimento.

Esquecemo-nos insensivelmente de que a longa caducidade póde, ás vezes, provêr á reinfantilização.

Historiadores modernos preconizam a absorpção

da Hollanda, da Belgica, de Portugal, pequenos paizes mal avizinhados de outros paizes maiores, que são colossos militares de ambições minotauricas, prestes a devoral-os.

Mas a Hollanda é, ainda hoje, um prodigio de organização e vitalidade.

A Belgica era, até á hora do Eclipse (o eclipse é a grande-guerra que está subvertendo a Civilização), a Belgica era um dos poucos paizes modelares do mundo.

Portugal, que parecia agonizar numa agonia de pôr de sol, candente e rutila, illuminada de incendios, revoluções, tumultos, acaba de rejuvenecer e reatar o seu cyclo heroico.

Que será, pois, a Grecia de amanhan, a Grecia renovada ou convalescente, amparada na sympathia da sua filha mais velha, a França illustre, mestra da civilização contemporanea ?

Será a ruina e o crepusculo — a devastação sombria... Ou, ao contrario, será o despertar do velho sonho dos seculos para o realvorecer de uma realidade propiciatoria...

Será o rejuvenecimento pelo heroismo, o reformoseamento pela cultura, a *vita-nuova* pela actividade profissional.

A Grecia não é simplesmente uma pequena patria, a desapparecer em silhueta vaga e funebre.

E', bem mais do que isso — a Patria de todas

as patrias, um exemplo permanente, uma reliquia semiviva, museu sagrado convertido agora pelas necessidades immediatas da vida actual em mostruario de interesses e mercancias.

Mas do museu á incubadeira, da valla ao canteiro rórido, da agonia á resurreição, vae apenas um designio superior das coisas.

Bem poderá renascer a Grecia. Todos os homens civilizados e cultos somos gregos transplantados, brotos de enxerto em patrias novas disseminadas pela Terra.

E todos nós constituimos em Venizellos o embaixador mundial junto á nova Grecia idealista e renascente.

Elle, ou si o ha, outro estadista illuminado de fé e patriotismo, deve tornar-se o Mago capaz de operar o desejado prodigio.

Sob as ruinas dos grandes templos, Athenas ha de, por força, conservar as sementes da Idade de ouro.

Um sopro de genio e a benemerencia de uma opportunidade feliz bastarão para que as sementes voltem a germinar.

A republicanização de Athenas será o primeiro passo á transfiguração divina.

A Historia se repete...

# O MAIOR FACTOR

DA SOMBRA do seu mysterio, o Acaso preside os destinos humanos, sem prejuizo do seu mister, effectivo e duplo, de alchimista e magico.

Todos os filtros, essencias e venenos, fluem do seu laboratorio occulto, passam por suas retortas indevassadas.

No theatro da vida, que se revesa, dia a dia, em drama e comedia, ha sempre uma personagem velada, invisivel, que não fala, não se move, não apparece, mas vae, nos entreactos e entrescenas, armando habilmente, do seu vão de penumbra, o desfecho final das peças. E' o Acaso.

Elle é o grande factor, o expoente mudo, a força omissa e perigosa.

Felicidade e desgraça, as maiores surpresas e os mais tristes desastres são sortilegios banalissimos da camara prestidigitatoria desse truão divino.

Até mesmo o Impossivel, seu velho inimigo,

sempre vencido por elle, apesar do seu prestigio de inexorabilidade e cuja attitude grave é incompativel com a irrequietude milagreira do bruxão, começa a desencantar-se, vae cedendo brandamente ás magias-brancas do Imprevisto.

O Acaso é um deus. Em lucta constante com todas as disciplinas e todas as aspirações de ordem e systematização, elle arma e desarma os surtos humanos, refunde leis, baralha regras, desfaz conceitos, impugna, contradiz, desorienta, com um méro signal do seu prestigio divino.

De tempos immemoriaes, o homem conserva um culto de terror, ou de fé, ao feiticeiro celeste.

Desde os egypcios primévos, se agita a nossa curiosidade em saber si a felicidade é obra do esforço ou lei do acaso.

Mas, nos ultimos seculos, o pensamento e a actividade têm procurado converter o prestigio do Mago em manifestação terrena do poder da Vontade.

Experiencias e factos, livros e methodos forcejam para a interpretação definitiva.

Nesse afan, se vae o espirito aprimorando e se vão educando as faculdades energeticas, o caracter, o auto-dominio, a disciplina interior de cada um.

Não obstante, entre as prescripções dos Smiles, dos Nietzsches, e as desse curioso *dr. Lawrence* que annuncia a felicidade por folhetos e por choques ele-

ctricos, o homem se fica abysmado e incoherente, como o asno de Buridan.

Todos sabem, porém, que, em desmentido a essa attitude de indecisão e irresolução moral, os olhos do homem ou os do asno glorioso procuram no Vago, no *au-de-là* de todas as coisas, a chave magica, o alvião divino capaz de britar esphinges e esfarelar enigmas.

E' que o poder do Acaso é incontrastavel.

Diante delle, os outros são brincos innocentes. Victorias que delle independam, são ironias delle mesmo, arranjadas para ainda mais desnortear-nos.

No fundo, todos nós somos carolas da sacristia desse santo. E acreditamos que cada homem traz a sua *estrella*...

Vemos, por exemplo, um obstinado, ou maniaco, alvejar uma idéa, correr atrás della, esforçar-se por ella, monopolizar-se para ella, um anno, dez annos, vinte annos.

Ao cabo disso, essa idéa é uma *realização.*

E' claro que, desde logo, entoamos, a todo pulmão, *hosannas* ao vencedor, ao forte, ao disciplinado.

E' tambem muito claro que, si esse disciplinado tivesse morrido na vespera da realização, todos nós affirmariamos convictamente que o disciplinado era um maniaco incorrigivel e que a sua morte fôra devida forçosamente á indigencia mental.

Mas, emquanto nos congratulamos com a nova

etapa do poder humano, ou lastimamos superiormente o desequilibrio do doido, alguem atrás de nós sorri mephistophelicamente. E' o Acaso.

A felicidade tem cunho duplo. E' collina tranquilla e escarpado alcantil.

Para attingir-lhe o cimo, ha innumeros caminhos, milhões talvez. Entretanto, só dois ou tres desses caminhos vão dar verdadeiramente ao pincaro. Dos outros restantes, uns levam a despenhadeiros tragicos, outros, a poços sem fundo, outros, á confusão perpetua.

Escolhe-se, ao acaso, ou por sympathia, que é tambem manifestação de acaso, um desses mil caminhos e enceta-se confiantemente a viagem.

No primeiro dia, decepção. Insistimos, porém. No primeiro mez, no segundo, no fim de um anno, de dois, de tres, novas decepções. Mas insistimos... Ou não insistimos ?... Teimamos, insistimos.

Poderiamos recuar e reencetar outras jornadas, em novos caminhos, longos e multiplos, e gastariamos nisso uma ou duas eternidades. Mas não recuamos, perseveramos ainda, fixamos mais dois dias de prazo á esperança exhaustiva.

E assim, chegamos á encosta. Na véspera do desanimo, ou precisamente á hora do recúo, o cabeço nos apparece illuminado e sorridente.

Si houveramos tomado um dos caminhos malfadados, a nossa persistencia, agora louvada e en-

carecida, seria arrastada ao pelourinho, entre invectivas e apupos. Ao envez de voltar mal succedidos, devêramos proseguir e cahir, de uma vez, no abysmo, rolar no despenhadeiro.

Alcançado, porém, o cimo, todos os raciocinios são beneficos: Que força de vontade ! Que confiança ! Que certeza ! O genio é a paciencia...

O poder da Vontade é, como, em direito publico, a representação das minorias : o governador nomeia a opposição. O poder da vontade é o *respeito ao terço* e o poder do Acaso é o governo omnipotente.

Diante delle, o genio e a virtude, a nobreza e o trabalho são mesquinharias ridiculas. O acaso, eis tudo. Outro autor não teve o eclipse de Waterloo. Outro autor não teve o descobrimento da America...

A vida é uma trama genial de embustes, e o Acaso é o maior embusteiro.

Dos homens coroados pela gloria e sagrados maioraes da Especie, em seu tempo e além delle, é Bonaparte, sem duvida, um dos mais offuscantes e turvadores.

As mais frias naturezas se emocionam com a legenda desse homem que nasceu modesto e simples e foi, um dia, o mais poderoso senhor da terra.

Pois esse homem, em quem se consorciaram as maiores energias da natureza humana, deveu ás urdiduras do Acaso o não ter vivido apagado entre

os homens, como uma gotta diluida entre as aguas do Oceano.

Do ultimo livro do sr. Arth. Lévy — *Napoléon intime* — se colhe, decepcionadamente, essa impressão triste.

O escriptor parece recompôr perfeitamente a vida do grande imperador.

As primeiras manifestações da sua capacidade militar teriam passado completamente abafadas, segundo o testemunho de Lévy, desentulhado em preciosos archivos, correspondencias intimas, escriptos sensivelmente authenticos.

Os feitos das Tulherias e Toulon, em que os historiadores marcam os primeiros arrebóes da aurora napoleonica, não mereceram a mais vaga attenção, no momento, e ficariam sepultados *per secula* numa allusão inexpressiva de «ordem do dia».

Napoleão vivia pobremente, apagadamente. Os honorarios da patente mal chegavam para a sua manutenção e a de um irmão mais moço. Elle era o *passador* das proprias roupas, zelando-as e alisando-as, para viver com dignidade e decôro.

E' certo que, ainda tenente-coronel, o corso já havia traçado uns planos de campanha e persistia em ser promovido na arma de artilharia ou deixar a carreira, por incompativel com as outras armas. Mas as pretensões do coronel eram ridiculizadas no ministerio da Guerra onde era já tido por importuno

vulgar aquelle coronelete minguado de physico, pallido, nervoso, retrahido...

Um dia, o Acaso incarnou-se em Josephina, uma joven viuva, oriunda de familia militar prestigiosa. A viuvinha era vaidosa e seductora. Não queria casar-se com um simples coronel. Si Bonaparte fosse general...

O Acaso entresorriu, da meia-sombra. Napoleão teve o seu generalato.

De coronel pobre, que, no ministerio, era um *détraqué*, e, em casa, um alisador de calças velhas, o grande soldado passou a ser o general da moda, e Josephina passou de viuvinha consolada a *Notre Dame des Victoires*, pois que dessa phase datam os primeiros triumphos do Corso.

E' claro que, com o commando do exercito em Italia, o genio napoleonico, já então respirando livremente, entrou a collaborar com a sua gloriosa *estrella*...

E é bem de ver que o Acaso não manifesta o seu prestigio em creaturas réles. Para essas ha, não obstante, um acaso especial — o acaso loterico das sortes grandes, que, de preferencia, beneficia os cretinos, os incapazes mentaes.

Em Bonaparte, é o acaso, ao serviço do genio. Em Edison, é o acaso, ao serviço da persistencia scientifica. O acaso sempre.

Sem o acaso, o guerreiro mais destemido morre

imbecilmente de uma quéda de cavallo, antes de revelar seu genio militar. O sabio mais paciente morre de collapso, antes da primeira experiencia.

No Brasil, é o Acaso o maior chefe politico. E' o Acaso o grande administrador.

Um acaso nos revelou ao mundo (1500). Outro nos libertou para o mundo (1822). Um acaso nos redimiu civilmente (1888). Outro, politicamente (1889).

Si não fosse o acaso da republica, quantos actuaes *grandes-homens* não vegetariam por ahi como entidades vulgares e quantos estadistas broncos desmascarados pela evidencia republicana, não entrariam a Historia, ajaezados de ouros e chuviscados de petalas ? !

Sempre que rememóro a vida dos heróes, tenho accêsas no altar duas velas : uma, ao grande-homem, por seus meritos e valores, e outra, á benemerencia do Acaso que permittiu ao heróe realizar o seu destino de belleza, de amor, ou de justiça.

# FLOCOS DE PAINA...

*FAÇO tambem uma vaga idéa do Paraiso Terrestre: um jardim magnifico e um casal joven, a quem um Deus amavel fala paternalmente :*

*— A' vontade, meus filhos. Recommendo-lhes principalmente essas duas delicias: a liberdade e o amor.*

*Depois...*

*O homem pensou, maduramente, aquella recommendação e resolveu aperfeiçoar a obra do Creador.*

*Vae d'ahi, estragou a Vida : prendeu a liberdade aos codigos, prendeu o amor ás convenções.*

---

*Não é o cerebro o melhor signal de nobreza da Especie. Porque, bem ou mal, todos os vertebrados têm o seu craneo e o seu encephalo.*

*As mãos, sim : têm-nas sómente os deuses, os ho-*

*mens e os simios. Por isso o macaco é o animal-typo: tem o cerebro commum das maiorias humanas, tem as nossas mãos... em duplicata e, tem, de quebra, a liberdade natural dos outros bichos.*

---

*Nas mulheres, por esthetica, e nas cobras, por defeza, os bons ou máos dentes têm uma importancia decisiva.*

---

*A melhor situação da vida social é a dos tabelliães vitalicios, verdadeiros clepsydros da Lei, a 500 rs, por firma. Para elles, a Justiça é uma simples variante da Verdade: — a Verdade aposentada com o dobro dos vencimentos e do appetite...*

---

*O casamento é o relogio social do amor. E' claro que, na occasião da compra, a relojoaria nos garanta que os seus reguladores são perfeitas medidas de eter-*

*nidade. Mas a corda pode acabar d'ahi a um anno, a seis mezes, ou até no dia seguinte...*

---

*Em principio, o Mundo era o Jardim das Delicias. Hoje, é positivamente uma choldra. De onde se apura que o primeiro homem devia ter sido um quadrupede. Ou, pelo menos... não entendia de floricultura.*

---

*Quando se diz que alguem subiu por merito, o Acaso esfrega as mãos nervosamente...*

---

*A virtude nas mulheres feias é agua filtrada em copo sujo. A acção do filtro é quasi inutil.*

---

*Guttenberg foi o maior inimigo dos verdadeiros pensadores.*

*Á seducção do primeiro prélo, até as moscas pensaram nos problemas do Ser.*

---

*As esposas bellas são joias preciosas. Os maridos são as...* vitrines.

---

*Só a Paixão é sincera. Mas, em regra, duvidamos tanto da sinceridade, que, em nos apparecendo alguem sincero em seu culto ou em seu amor, dizemos, superiormente : — E' um apaixonado...*

---

*Passa, num vôo, o vehiculo. A' vertigem da corrida, não se viu quem ia dentro. Nem era preciso. Por força, era o rei ou o embaixador.*

*Mas, adiante, a machina descarrila. Fórma-se grupo. Dentro em pouco, ha o alarma :*

*— Ia fugindo... ia fugindo... É contrabandista.*

*É assim, quando passa o carro do Triumpho. Não é preciso olhar quem vem na almofada. É o Triumpho.*

*Adiante, porém, estoira o pneumatico e o* auto *detém-se. Junta gente e logo se observa que o passageiro está mal vestido, tem um olho vasado e parece com um retrato suspeito á policia...*

*Conclue-se que o Triumpho não deve parar nunca. E' preferivel atropellar, derrapar, ou cahir, de uma vez, no abysmo.*

---

Amo e servo.

*Quando o homem diz seriamente á mulher :*— amo — *a mulher pensa em silencio* — servo !

---

*A agua é medida das coisas intuitivas :* facil como agua, simples como agua. *Entretanto, banqueiros e falsarios dão grande importancia ás* letras d'agua.

---

*Vejo um ebrio habitual, homem vegetativo, criatura inutil, chupando um cigarro innocente e humilde.*

*Em que pése á inconsciencia do fumante, arde o tabaco e a espiral sôbe. Homem e cigarro, nenhum delles pensa, está entendido. Mas fôra curioso saber o que pensaria um do outro...*

---

*Rôta a máscara, a esperança nobre é ambição vulgar.*

---

*Os cargos publicos são postos de sacrificio. Abre-se uma vaga e todos se atropellam, todos querem... sacrificar-se.*

*De onde, a politica é fogueira de holocausto : não tem luz, mas tem fumaças...*

---

*A expressão* — uma mulher completa — *envolve sempre uma mentira ingenua. Na mulher ha, em*

*regra, dois terços de esphinge e um terço... das outras mulheres.*

---

*Apparece-nos devastada a figueira, fructos bicados, estragos: obra dos passaros.*

*Nós amamos os passaros...*

*Uma criança faminta leva-nos, com arte, uma laranja madura. Oh! o garoto! — Nós odiamos os garotos...*

*Solidariedade humana!*

---

*Homem grosso de voz fina, moralmente messalina.*

---

*Schopenhauer escreveu que as mulheres são animaes de idéas curtas e cabellos longos:*

*As mulheres começam a reagir. Muitas já cortam os cabellos como homens. Só não encurtam mais as idéas, por falta do que encurtar.*

---

*Metade de cynismo proprio, metade da ingenuidade dos outros e um sopro de acaso — ahi está um grande homem.*

---

*Quando exclamo, em consciencia — Creio ! — ha no meu verbo identidade de crer e crear.*

*A fé é sempre fecunda.*

---

*Uma mulher núa provoca o escandalo, entre todos. Mal despida — provoca o desejo entre os homens. Bem vestida — provoca... um inquerito, entre as mulheres.*

---

*O incenso é a mordaça de névoa com que os astutos fazem calar os vaidosos.*

---

*Casaes infelizes que nos aconselham ao celibato, têm a virtude da modestia : confessam-se-nos inferio-*

*res e crêem na hypothese de termos o bom-senso que não tiveram.*

---

*Os cavalheiros muito relacionados pouco se relacionam com a propria alma, bem assim que os interpretes falam mal geralmente a lingua de seu uso.*

---

Perigos do Altruismo.

*Si as vossas esposas não se interessassem tanto pelas dos vossos vizinhos, a paz domestica, base da harmonia humana, seria um facto menos remoto.*

---

*Deve ser isto o amor : um sacrificio sellado pela morte. Ou : uma mentira sellada por um beijo.*

*Em qualquer dos casos, o sello é muito importante.*

---

*O destino do homem depende sempre da mulher. Em todas as espheras, as entidades* masculinas *decorrem de entidades* femininas.

*Na ordem espiritual, o Perdão vem da Piedade e o Amor vem da Illusão.*

*Na ordem administrativa, o Fisco depende da Policia, e o proprio Poder Publico depende... da Força Publica...*

— *Mas o* Infinito *é masculino...*

— *... e a* Eternidade *é feminina...*

---

*O primeiro patriota era um homem de bem. O segundo, um homem de bôa fé. O terceiro...*

---

*Camões, pensador dos maiores, heróe e poeta, homem de genio, morreu mendigo e solitario.*

*Essa allegoria formosa e triste é para uso exclusivo dos poetas. Porque, na opinião de um homem pratico— homens de genio que morrem de fome, são positivamente estupidos.*

---

*Em todo elogio, ha uma parte de senso, duas de consenso e muitas de... incenso.*

---

*Os nossos amores dão ao sentimento dos outros impressões invertidas. E' lei de optica affectiva. O que para nós é tragedia, para os outros é comedia vulgar. E é tambem lei da vida que as coisas mais serias são precisamente as mais ridiculas.*

---

*Num paiz longinquo, em tempo ainda mais longinquo, houve um homem que amou e foi amado, creu e foi crido, fez o bem e foi bemquisto.*

*Desgraçadamente, esse homem morreu. Morreu, mas deixou testamento.*

*O testamento rezava que a sua Sorte fosse dividida por todos os povos da Terra, de modo que a cada homem coubesse uma fracçãozinha de sua alma.*

*Não sei eu da fracção que vos coube.*

*Quanto á que me cabe, não é fracção, propriamente : é um numero redondo — O —* zero.

---

*O amor é como os rios . . .*

*—Porque não hão de as aguas correr só por bons caminhos, sem quédas, sem tropeços, sem desvios e preferem, ás vezes, aos valles calmos e aos plainos lisos — os saltos bruscos, os remoinhos ?. . .*

*Não ensineis a rota aos cursos d'agua. Não lh'a ensineis, nem lh'a impeçaes.*

*— O amor é como os rios...*

---

*A treva excessiva é o Mysterio. A luz excessiva é o Deslumbramento. Mysterio é profundeza; deslumbramento é irreflexão.*

*A luz fórma a realidade. A treva fórma o milagre.*

---

*Das coisas mais positivas, dão-se ás vezes os juizos mais contradictorios.*

*A* chaga, *por exemplo: do ponto de vista medico, é um* deficit *organico. Do ponto de vista religioso, é um* emprestimo *feito a Deus, um signal de* credito, *aberto para a vida subjectiva.*

---

*Nos dominios da Intelligencia, ha sempre entre humoristas e pensadores uma relação de repulsão. Estes estão para aquelles como os lavradores que plantam as árvores, para os garotos que as apedrejam.*

*Uns vivem pelas idéas, outros, pelas palavras.*

*O pensamento é o oceano. O trocadilho é a espuma.*

*Os jogos-verbaes — escumilha inutil de almas rasas — pódem, no entanto, encerrar philosophias profundas.*

*Tambem as palavras têm corpo e alma. E algumas dizem mais por sua physionomia visivel do que pelo seu intimo significado.*

*Ha, em nossa lingua, tamanha coincidencia de factos verbaes que poderia ter fornecido a um Schopenhauer novos capitulos á philosophia da Dôr. (Pena é que os philosophos e os grammaticos* hurlent de se trouver ensemble*).*

*Qualquer que seja o destino do homem na terra, a palavra que designe a sua funcção, alta ou infima, na sociedade, tem quasi sempre esta finalidade —* dor.

*O que nasceu para o mando e a arrogancia, é o dominador. O que exerce o seu poder sobre principes e reis, é o Imperador. O que vive de mercancias, é o mercador. O que vive de sonhos, sonhador. O que vive de roubos, salteador. Em todos, a finalidade verbal é sempre* dôr. *Até aqui, obra de phraseação e trocadilho.*

*Mas nessa coincidencia vulgarissima está contido o melhor conceito da vida, cujo fundamento é a* **dôr**, *pois que a existencia na terra é o intervallo entre a dôr de nascer e a de morrer.*

*E tanto é certo que o acaso de certas palavras envolve na sua expressão physionomica profundezas de*

*psychologia e transcendencia, tanto é certo o seu predestino magico, que de outro instrumento não se serviu o Creador para formar o mundo. Elle não se moveu : — falou. O* Fiat *foi o —* abre-te, sesamo *— da Creação.*

***A palavra é um talisman.***

# IDÉAS EM TRANSITO

# I.— PALAVRAS...

*OS defensores de certos preconceitos collectivos, que envolvem, ás vezes, grandes crimes collectivos, invocam, á falta de argumentos intellectuaes, argumentos terminantes, a que chamam* a lição da Natureza.

*Os partidarios da guerra sustentam, por exemplo, que ella é uma necessidade natural.*

*É certo que o* Entr'aide, *de Kropotckine, que é um espelho fidelissimo da Natureza, visa theses muito differentes.*

*Mas os bellicistas appellam mais estentoricamente para os argumentos naturaes, dizendo que na vida em natureza a lucta é lei indiscrepante.*

*Em natureza, só ha luctas naturaes, lucta de instinctos.*

*Serve-se o leão das suas garras; o ophidio, dos seus venenos; o asno, das suas patas; o macaco, da sua agilidade.*

*Em sociedade, não ha lucta de instinctos, unica toleravel sob a égide da Natureza. Ha lucta de intelligencias, lucta preconcebida e criminosa, lucta de ferros e estrondos, não de impetos e musculos.*

---

*Ninguem censura a bofetada que succede, inopinadamente, ao ultraje.*

*O que é censuravel é que os homens se armem para a lucta e se agoniem e se esgotem, na volupia criminosa de luctar...*

---

*O que a Natureza teria autorizado, fôra a lucta de instinctos, de homem a homem, e de interesses, de homens para homens.*

*Essa lucta de interesses e competições cabe ao commercio, á industria, ás especulações da vida.*

*Atrás do militarismo anda sempre o commercialismo...*

*Porque não andar á frente?*

*Comprehende-se, até certo ponto, que a Humanidade esteja dividida em patrias, como o organismo está dividido em orgãos.*

*Em natureza, a harmonia dos orgãos é a saude e a vida. Em sociedade, a harmonia dos orgãos é a ordem e a paz.*

---

*Mas, para isso, não é preciso que umas patrias conspirem contra outras, como não é necessario que o cerebro e o esophago façam alliança contra o pericardio, o estomago e o duodeno.*

---

*Patrias aguerridas e arrogantes, povos inflados de orgulho civico e caraminholas fulgurantes, são como orgãos indigestionados que reclamam purgativo immediato.*

---

*Diga-se a um patriota, sadio e culto, na integridade das suas funcções cerebraes :*

*A patria te reclama. Deixarás o teu lar e os teus livros, o teu amor e o teu trabalho.*

*Voltarás sem um braço e sem os olhos. Terás o rosto torcido e a alma illuminada. Morrerás para o amor, viverás para a gloria. Verás em vida a tua estatua...*

---

*Si esse homem trocar a sua tranquillidade egoista por essas coisas formosas e idiotas e não preferir ver o seu amor com os seus olhos a ver a sua gloria com os olhos... dos outros, não sei que differença haja entre patriotismo e ...eunuchismo...*

# II.—GLORIA...

*GLORIA pura e a riqueza honesta são entidades tyrannicas, que elegem e destacam determinadas criaturas, só pelo prazer divino de victimal-as :*

*Os grandes artistas, os grandes philosophos, e até mesmo os verdadeiros estadistas, passaram, quasi todos, vida humilde e miseravel.*

---

*Bem assim, os homens ricos, outrora pobres emprehendedores, que tenham honradamente firmado uma bôa situação na vida : ou o excesso de actividade e esforço lhes prepara um rapido eclipse, um collapso imprevisto no motor da Sorte, ou no coração, ou, ainda*

*que apparentemente sadios e alegres, passam geralmente a vida, sem os prazeres deliciosos de existir.*

---

*Os verdadeiros gloriosos e os ricos honrados são instrumentos tristes da ventura alheia.*

*Vivem desherdados do amor e da tranquillidade. A sua gloria e a sua fortuna são capitaes intangiveis que só aproveitam, em juros, aos herdeiros :*

*Em regra, os grandes-homens foram, em sua adolescencia, moços pobres,* aproveitaveis *e* esperançosos...

*Os seus netos e bisnetos são* moços illustres, *membros de familia gloriosa e honrada, homens de mando e prestigio...*

---

— *Parabens aos herdeiros...*

# III.—AMOR

*S romances e os almanaques andam cheios de receitas e formulas para o amor :*

*A mulher é um enigma, e o amor é um problema. Problema complicadissimo que interessa á moral, á sociologia, e á economia domestica.*

---

*Entretanto, o amor é coisa simplicissima, porque simplicissimos são todos os dictames naturaes :*

*Em regra, é conjuncção de desejos, estopim necessario á deflagração natural da Vida. Essa definição pyrotechnica é, talvez, a mais convinhavel, por evitar certas expressões ainda mais escabrosas que tirariam ao assumpto todo o seu sabor poetico.*

*Por excepção, o amor é uma inter-aspiração de almas: um ascetismo voluptuoso, um desejo timido, inarticulado, que se dilúe em idealidade pura, ou em literatice dolorosa.*

---

*No primeiro caso, não ha problema, tão intuitiva é a solução.*

*Os que temem o* amor livre *sob o pavor de que elle viria a ser o* amor animalar, *se confessam cynicamente* impudicos : *confundem o amor livre em natureza, com o amor livre em sociedade.*

---

*Para distinguir entre as feras e os homens, a Natureza deu a uns o* cio, *e a outros, o* pudor.

---

*O segundo caso, o amor entre almas, é todo subjectivo, intencional. Sobrepaira, por isso, aos interesses da sociedade e ás leis da Natureza.*

---

*As mulheres acabarão por acreditar, ellas mesmas, na sua* esphingeticidade. *Tanto assim que o amor*

*(instincto n. 2, no quadro de Comte) tende a acabar em politica de negaças, ou alliança de hypocrisias.*

*No dia que os homens se cançarem dessas marchas e contramarchas — ou a esphinge se resolverá em anjo, ou o amor se deturpará em estupro.*

---

*Em nossas relações de sociedade, conhecemos rapazes que vivem, só por milagre, dentro da sua economia de solteiros.*

*Sabe-se, um dia, que vae casar-se um delles.*

*Subentendemos desde logo qua a noiva é rica.*

*Sabe-se que o não é...*

*Não obstante, faz-se o casamento.*

*O casal desdobra-se. A economia mantém-se. O marido produz em economia o mesmo que em solteiro. E o casal vive, a criança cria-se.*

*E todos vivem honestamente:*

*É que ha um Deus especial para os casados. Ha sempre uma tia velha que manda umas flanellas para*

*a criança, um padrinho da roça que empresta um sitio, um amigo do sogro que promette um emprego.*

*É o milagre do amor...*

---

*Em qualquer situação da Vida, a mulher é sempre alguma coisa mais do que o homem.*

*Basta dizer que, quando um homem cáe em erro, todas as mulheres lhe fogem; e, si cáe em falta a mulher, é quando todos os homens a procuram...*

---

*Só o trabalho dignifica o corpo. Só o amor dignifica a alma.*

---

*Pergunte-se a economistas e sociologos, onde o peor mal da Especie, as maiores desgraças da alma humana.*

*Elles hesitarão: o jogo e o alcool... A ambição e o luxo... O ocio e o vicio...*

*Não é difficil provar que, em ultima analyse, todas essas desgraças se reduzem, no fundo, a uma unica: o amor.*

*Pergunte-se a hygienistas e demógraphos, aos inspectores da saude publica e privada, onde os maiores flagellos do corpo humano.*

*Elles explicarão : a tuberculose e a syphilis... a neurasthenia, a biliosidade...*

*Não é impossivel provar que todos esses flagellos têm um responsavel occulto : o amor.*

*Pergunte-se a historiadores e juristas : porque é que os reis falseiam, os juizes prevaricam e as leis se relaxam ; porque é que as mulheres se enredam e os homens se hostilizam ; porque é que a vida é uma ancia e a felicidade é um mytho...*

*Elles responderão : — o Dinheiro...*

*E o Dinheiro explicaria : — o Amor...*

## NOTA

Erros de revisão, que os ha neste volume, não são taes, nem tantos, que obriguem á formalidade final de uma errata.

Tudo que ha nesse sentido, reduz-se a ligeiras incoherencias de escripta (*dansa* e *dança*, *anseio* e *anceio*, etc.) excesso e deficiencia de virgulas, em alguns casos, e outras miudezas que, ainda os olhos mais attentos, só conseguem ver bem, depois de impressos os livros.

Nas palavras de exordio, por exemplo, ha esta expressão — *que o destino lhe destinou.*

Faço justiça ao bom gosto do leitor, que assim corrigirá — *que o destino lhe fixou.*

O mais deverá correr por conta propria.

Essas ligeiras resalvas não têm segunda intenção.

O Autor.

# INDICE

## Primeira Parte

---

## Segunda Parte



---

## Terceira Parte



---



---

N.° 709 —Composto em Monotypo e impresso em machina «Planeta», nas Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves em Outubro de 1916.